

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

AFONSA JANAÍNA DA SILVA

**ESPORTE EDUCACIONAL E
DEFICIÊNCIA:
encontros esportivos no
contexto escolar**

Campinas
2008

AFONSA JANAÍNA DA SILVA

**ESPORTE EDUCACIONAL E
DEFICIÊNCIA:
encontros esportivos no
contexto escolar**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2008

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: _____
T/UNICAMP
V. _____ EX. _____
TOMBO DOC: 79910
PROC 162-148-09
C _____ D 2
PREÇO 14,00
DATA 06-01-09
BIB-ID _____

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Si38e Silva, Afonsa Janaina da.
Esporte educacional e deficiência: encontros esportivos no contexto escolar / Afonsa Janaina da Silva. - Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida
Dissertação (mestrado) — Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes para deficientes. 2. Educação física para deficientes. 3. Esportes escolares 4. Deficientes visuais. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: **Sport Educational and Disability:** sportings meetings at the school context.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sports for disabled people; Physical Education for disabled people; Sports School; Visually Impaired.

Área de Concentração: Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

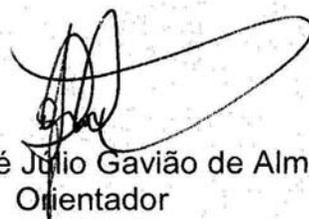
Banca Examinadora: José Júlio Gavião de Almeida. Edison Duarte. Mey de Abreu van Munster. Roberto Rodrigues Paes. Eliana Ayoub.

Data da defesa: 15/10/2008.

AFONSA JANAÍNA DA SILVA

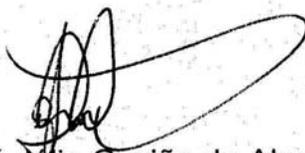
**ESPORTE EDUCACIONAL E DEFICIÊNCIA:
encontros esportivos no contexto escolar**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Afonsa Janaína da Silva e aprovada pela Comissão julgadora em: 15 / 10 / 2008.

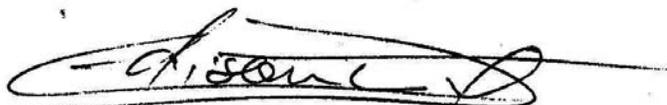


Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida
Orientador



Prof. Dr. Edison Duarte



Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster

Dedicatória

Dedico este trabalho ao ócio, não ao que nos paralisa com a preguiça, mas ao que nos permite criar, dar asas à imaginação.

Agradecimentos

Deixo aqui meus agradecimentos a todos aqueles que passaram pela minha vida neste período de 2006 a 2008.

Todos vocês que contribuíram no meu processo de mestrado, de amadurecimento profissional e pessoal.

Tenha sido esta contribuição direta ou indireta, por questões profissionais ou pessoais, saibam que não teria chegado aonde cheguei sem a ajuda de vocês.

Pergunto-me, onde estaria?

Sem seus olhares, sorrisos, apoios, reprovações, esperanças, descontentamentos e tantos outros sentimentos que permeiam as relações humanas, e que permitem nos transformarmos constantemente.

Muito obrigada!

SILVA, Afonsa Janaína. **Esporte Educacional e Deficiência**: encontros esportivos no contexto escolar. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

A prática do esporte é cada vez mais difundida na sociedade contemporânea, sendo praticada em seus diversos contextos e por seus diferentes personagens em qualquer parte do mundo. O movimento inclusivo traz à tona as necessidades de um público específico: as pessoas com deficiência. Este estudo teve como objetivo descrever e analisar a participação da pessoa com deficiência nas práticas do esporte escolar: quais os princípios teóricos que regem a Educação Física Escolar e a Educação Física para pessoas com deficiência? Qual o contexto sócio-cultural e os personagens mediadores da efetivação do esporte educacional para a pessoa com deficiência? Como se dá a estruturação da atual proposta de esporte escolar para a pessoa com deficiência? Utilizou-se a entrevista semi-estruturada para coletar dados junto a nove professores de Educação Física envolvidos com o esporte escolar na rede formal e pública de ensino. Após a transcrição das entrevistas, elas foram analisadas pela Análise de Enunciação, uma das técnicas da Análise de Conteúdo. Foi utilizada, também, a técnica de Pesquisa Bibliográfica para buscar informações sobre as bases teóricas da Educação Física escolar e para pessoas com deficiência. As obras utilizadas nesta etapa foram analisadas através da Leitura Informativa. Os dados sobre o modelo de esporte proposto atualmente para pessoas com deficiência no contexto escolar foram levantados através de Análise Documental, sendo utilizada para análise dos documentos a Análise de Categoria, que é também uma das técnicas da Análise de Conteúdo. Os dados evidenciaram a fragilidade da escola atual em relação à participação efetiva de pessoas com deficiência em suas práticas. Os professores da rede apresentaram dúvidas nos aspectos de capacitação profissional, estrutura e as possibilidades da pessoa com deficiência, mantendo-se fora das discussões pedagógicas voltadas à Educação Física e a este público. Apesar das teorias de Educação Física Escolar e Adaptada se aproximarem em seus princípios ideológicos, principalmente ao focar o trabalho pedagógico nas necessidades do indivíduo e não em suas habilidades, há pouco diálogo entre elas mesmo dentro do contexto escolar, no qual hoje se trabalha com ambas as perspectivas. Com relação ao modelo proposto, tem suas bases no desenvolvimento e consolidação do esporte Paraolímpico, o que o distancia das necessidades intrínsecas ao contexto escolar. Para a realização de um esporte educacional que atenda todos os alunos com qualidade é necessário primeiro que os profissionais de Educação Física, que lidam nos diferentes contextos e com os diferentes personagens, entendam e utilizem os conhecimentos da área como parte de uma rede. Tudo que foi e será produzido é interdependente e essencial à formação do profissional completo.

Palavras-Chaves: Esportes para deficientes; Educação Física para deficientes; Esportes escolares; Deficientes Visuais.

SILVA, Afonsa Janaína. **Sport Educational and Disability**: sportings meetings at the school context. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

The practice of sports is more and more broadcast in contemporary society, being practised in its several contexts and by their different characters anywhere in the world. The inclusion movement brings to light the need for a specific public: disabled people. This study had as objective, describe and analyze the participation of disabled people in the practices of school sports: What are the theoretical principles governing the Physical Education at school and Physical Education for the disabled people? What are the socio-cultural context and the characters which mediate the development of the sport education for the disabled people? How is the structure of the current proposal for school sports for disabled people? We used the semi-structured interview to collect data from nine teachers of Physical Education who are involved with the sport school in the formal and public schools. After the interviews transcriptions, they were analyzed by Enunciation Analysis, a technique from Content Analysis. We used, too, the technique of Bibliographic Search to search for information on the theoretical foundations of Physical Education at school and for disabled people. The documents used in this step was analyzed by the Information Reading. The data collected from the currently model of sports for disabled people in the school context, were raised through Document Analysis. This data were analyzed by Categorical Analysis, another technique from Content Analysis. The data showed the fragility of the current school regarding effective participation of persons with disabilities in their practices. The teachers had doubts on aspects of professional training, structure and possibilities of the disabled people, keeping out of the pedagogical discussions about Physical Education and this public. Despite the theories of Physical Education at school and Adapted Physical Education move closer in its ideological principles, mainly when focus the pedagogical work on the needs of the individual and not in their skills, there is little dialogue between them even within the school context, in which currently works with both perspectives. Regarding the proposed model, has its foundations in the development and consolidation of the sport Paraolímpico, what makes the model remain distant from the needs of the school. For the realization of a sport education that meets all students with quality, is necessary that the Physical Education professionals who works in different contexts with different characters understand and use the knowledge of the area as part of a network. Everything that has been and will be produced is interdependent and essential to the formation of the complete professional.

Keywords: Sports for disabled people; Physical Education for disabled people; Sports School; Visually Impaired

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Aspectos norteadores da pesquisa	14
Figura 2 -	Fatores de influência na escolha do tema	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil da Educação Física sob as novas teorias	33
--	-----------

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANDE	Associação Nacional de Desporto para Deficientes
CBDC	Confederação Brasileira de Desporto para Cegos
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
DV	Deficiente Visual
EF	Educação Física
FEF	Faculdade de Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
IBSA	Associação Internacional de Desporto para Cegos
IPC	Comitê Paraolímpico Internacional
ISOD	Organização Internacional de Esporte para Deficientes
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução	13
O Enlace entre a pesquisadora e o tema.....	15
Caminhos Metodológicos	17
Estratégias de pesquisa	18
Entrevista pessoal	18
Pesquisa Bibliográfica	18
Análise documental	18
Procedimentos metodológicos	18
Sujeitos	19
Local de coleta de dados	19
Forma de coleta	19
Projeto piloto	20
Análise de dados	20
Plano de redação	22
Artigo I – Educação Física no contexto escolar: antigas teorias para uma nova atuação ..	24
Método	26
Procedimentos	26
Método de Análise	26
Resultados	27
As teorias pedagógicas da educação física escolar	27
Educação Física voltada às pessoas com deficiência	31
Discussão	35
Educação Física Escolar	35
Educação para pessoas com deficiência	37
Olhares sobre a Educação Física	38
Considerações finais	40
Artigo II – Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física	42
Método	46
Procedimentos	46
Entrevista	46
Método de Análise	47
Resultados	47
Capacitação	48
Estrutura	49

O aluno com deficiência	50
Discussão	52
Considerações finais	55
Artigo III – Esporte Educacional e Deficiência : o modelo esportivo para esta interação	58
O fenômeno esporte	59
Pedagogia do esporte e o Esporte Educacional	60
O esporte adaptado	62
Método	65
Procedimentos	65
Método de Análise	65
Resultados	66
Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico	66
Discussão	70
Considerações finais	72
Considerações finais	74
Referências	78
Apêndices	84
Apêndice A: Termo de consentimento Livre e Esclarecido	85
Apêndice B: Carta à Diretoria de Ensino	86
Apêndice C: Carta à Diretoria da Escola	87
Apêndice D: Roteiro de entrevista	88
Apêndice E: Análises Inferênciais	89
Anexos	101
Anexo A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	102
Anexo B: Documentos do Projeto Paraolímpicos do Futuro	104

Introdução

A temática deste trabalho constitui-se dos diferentes contextos, conhecimentos e personagens pertinentes à área da Educação Física. Neste texto discorreremos sobre o contexto escolar e o conhecimento sobre o esporte, e elegemos também a pessoa com deficiência como objeto de estudo, enquanto personagem que se interliga a estes dois aspectos.

O esporte educacional é uma das práticas da Educação Física capaz de proporcionar a interação social da pessoa com deficiência com o meio no qual está incluso, deixando de permanecer à margem.

Neste contexto, esta dissertação se apresenta com o objetivo de descrever e analisar as atuais ações para participação efetiva da pessoa com deficiência nas práticas do esporte escolar apresentado à escola brasileira na atualidade, mais especificamente em relação ao embasamento teórico, ao modelo esportivo proposto e à capacitação dos profissionais atuantes na rede de ensino.

Como veremos na figura abaixo, o caminho delineado por este estudo teve três aspectos norteadores, interligados entre si. Estes aspectos estão balizados pelo fenômeno esporte em nossa cultura, e também estão sujeitos às influências do ideário de inclusão.



Fig. A.1 – Aspectos norteadores da pesquisa. Adaptado de Morato (2007)

É a partir da interligação e interdependência destes aspectos que este estudo se desenha. Mais que discutir a inclusão na Educação Física e no esporte, buscou-se dialogar com os diferentes aspectos e observar como os mesmos influenciam a formação e a atuação profissional do professor de Educação Física que opta por trabalhar no contexto escolar e acredita que o esporte, em suas diferentes dimensões, é um conteúdo a ser trabalhado com os alunos.

Desta forma, para compreender o fenômeno esporte educacional para pessoas com deficiência buscou-se primeiro compreender quais as perspectivas atuais da Educação Física escolar e seu ramo voltado às pessoas com deficiência. Num segundo momento, foram analisadas as formas como se comportam alguns dos personagens deste contexto e os próprios professores de Educação Física diante da atual demanda da educação brasileira. Por fim, debruçando-se sobre as discussões anteriores, buscou-se compreender qual a configuração da atual proposta que contempla o esporte no contexto escolar para pessoas com deficiência.

Neste estudo, o termo “pessoa com deficiência” envolve todas as deficiências, sejam elas físicas, visuais, mentais, entre outras. A escolha desta terminologia deve-se ao seu habitual uso na academia e no meio esportivo por tratar-se de uma nomenclatura utilizada no âmbito acadêmico e esportivo. O termo “pessoas com necessidades especiais” não se adequou à proposta do presente estudo, pois abrange muito mais que as pessoas com as deficiências anteriormente citadas, abrangendo também pessoas com distúrbio de linguagem, hipertensão etc, que não são tema do presente estudo.

O Enlace entre a Pesquisadora e o Tema

A escolha do tema desta pesquisa se deve aos questionamentos criados ao longo dos anos de contato com pessoas com deficiência visual; também ao particular interesse sobre a formação do profissional de Educação Física para atuar com pessoas com deficiência, ao interesse sobre a iniciação esportiva. e à participação efetiva em dois grupos de estudos e pesquisa: o GEPEAMA¹ e o PES².

No PES, tivemos como foco da discussão os processos que envolvem a formação superior e a entrada no mercado de trabalho pelos recém-formados. Posteriormente, passou-se a discutir as articulações dos saberes teóricos para a atuação prática do professor. A participação neste grupo deu origem a dois trabalhos científicos: uma iniciação científica, intitulada “A Percepção de auto-eficácia do professor de Educação Física no processo de

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada – Deficiência visual. Grupo cadastrado ao CNPQ e coordenado pelo Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, com sede no Laboratório de Atividade Motora Adaptada (LAMA), na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Psicologia e Educação Superior. Grupo cadastrado ao CNPQ e coordenado pela Prof^ª Dr^ª Soely Aparecida Jorge Polydoro, sediada pelo Departamento de Psicologia Educacional, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

inclusão”; e à monografia de conclusão do curso de licenciatura – “Crenças de auto-eficácia de futuros professores de Educação Física”.

No GEPEAMA, esta pesquisadora iniciou sua atuação profissional com pessoas com deficiência visual através do curso de extensão destinado a esta população, e que posteriormente abriu caminhos para que a mesma atuasse junto à Confederação Brasileira de Desporto para Cegos. Nessa entidade, registram-se as participações desta pesquisadora em eventos esportivos regionais, nacionais e internacionais, de alto rendimento e massificação do esporte com crianças, tornando-se, inclusive, árbitra da modalidade Goalball³ em 2003.

Essa experiência intensa junto à pessoas com deficiência visual trouxe à tona inúmeros questionamentos: sobre a atividade física voltada a este público, suas implicações e estratégias de ensino; sobre as inseguranças e incertezas advindas dos primeiros contatos e, principalmente, sobre como os conhecimentos da área de Educação Física podem e devem ser articulados para este atendimento.

Nesta perspectiva, juntaram-se os conhecimentos da autora sobre formação de professores, desenvolvidos no PES, e a atuação do GEPEAMA, na busca por estratégias de ensino-aprendizagem que contemplem com qualidade todos os alunos envolvidos num programa de Educação Física, ou mais do que isso, procurou-se contribuir com as discussões acerca da formação profissional.

³ Modalidade esportiva coletiva criada especificamente para as pessoas com deficiência visual.

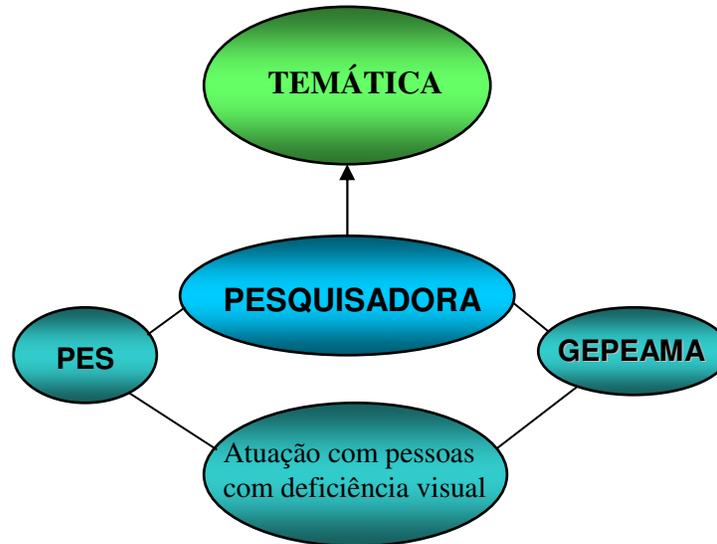


Fig. A.2 – Fatores de influência na escolha do tema.

A pessoa com deficiência deve ser vista através de seu potencial de interação e não através de limitações. O profissional de Educação Física deve compreender as diferenças encontradas no seu grupo de alunos e buscar estratégias de ensino que potencializem as experiências de aprendizado.

Caminhos metodológicos

O recorte metodológico deste processo foi realizado de modo a contemplar as necessidades do objetivo proposto, baseando-se na delimitação do problema e no referencial teórico exposto nos capítulos.

A investigação deste estudo requer uma metodologia que permita extrair informações de um contexto particular possibilitando o entendimento da mesma de forma contextualizada.

A abordagem qualitativa de pesquisa é apontada na literatura atual (THOMAS, NELSON, 2002; TRIVIÑOS & NETO, 2004) como um método que busca compreender o significado de experiências em um ambiente específico para os seus interlocutores, e de que maneira os componentes se relacionam para formar o todo.

Segundo Faria Junior (1992), a abordagem fenomenológico-hermenêutica pressupõe decifrar e revelar os pressupostos implícitos nos discursos, textos e comunicações, buscando compreender seus sentidos dentro do contexto estudado.

O presente estudo enquadra-se nestas abordagens de pesquisa à medida que se propõe a desvendar e compreender um contexto específico. Configura-se, assim, em uma pesquisa de caráter descritivo-analítico que, distante de quantificar resultados, busca absorver as informações provindas dos discursos e documentos, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes.

Os processos metodológicos utilizados na presente pesquisa serão aqui apresentados de forma pontual, em suas especificidades de ação dentro da abordagem em que se enquadra o estudo, pois foram detalhadamente descritos, em seus desenvolvimentos, nos capítulos/artigos.

Estratégias de pesquisa

Para o alcance dos objetivos propostos dentro deste estudo e compreensão do contexto onde se desenvolveu a temática, foram utilizadas diferentes estratégias de pesquisa dentro da perspectiva fenomenológico-hermanêutica (FARIA JUNIOR, 1992). São elas:

Entrevista pessoal: permite determinar práticas presentes ou opiniões de uma população específica (THOMAS, NELSON, 2002).

Pesquisa bibliográfica: possibilita o exame de um tema por um prisma ou abordagem diferente do inicial (MARCONI; LAKATOS, 1999).

Análise documental: busca identificar em documentos informações que desvelem aspectos novos de um tema, contribuindo para a compreensão do mesmo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

Procedimentos Metodológicos

Serão expostos abaixo os critérios utilizados para determinar os procedimentos realizados no presente estudo, porém suas descrições específicas estão dispostas nos capítulos artigos.

Sujeitos

Na abordagem qualitativa desta pesquisa, a seleção dos sujeitos é feita considerando o lugar de onde se observa e o que se quer observar. Assim, os sujeitos são selecionados de forma proposital, com base em características pré-determinadas, buscando uma amostra dentre aqueles que possam nos ensinar o máximo (THOMAS, NELSON, 2002).

Todos os aspectos éticos foram assegurados aos sujeitos e informados aos mesmos através do termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice A).

Local de coleta de dados

Segundo Thomas e Nelson (2002) o pesquisador que adota a abordagem qualitativa de pesquisa deve se dispor a ir até o local onde se encontram seus sujeitos e articular este encontro de forma que os mesmo sintam-se à vontade para fornecer as informações necessárias ao pesquisador; para tanto, recomenda-se realizar a coleta no ambiente natural dos sujeitos.

A coleta de dados para a pesquisa bibliográfica e a análise documental foi realizada em ambientes que atuam como fonte de informação, como bibliotecas, sites e Host Sites, não sendo necessária a convocação de sujeitos voluntários.

Para a estratégia de análise de conteúdo, fez-se necessária a convocação de voluntários que fizessem parte do contexto ao qual o estudo se propôs a compreender, sendo estes professores de Educação Física da rede de ensino público e formal. O acesso aos professores da rede foi realizado após autorização da Diretoria de Ensino e dos diretores de cada escola (apêndices B e C).

Forma de Coleta

Utilizamos a entrevista como instrumento de pesquisa para análise de conteúdo, pois esta é apontada na literatura como a técnica mais utilizada no trabalho de campo da pesquisa qualitativa por tratar-se de um instrumento que nos permite realizar uma investigação social em profundidade (MYNAYO, 1993; LAKATOS, MARCONI, 1985; THOMAS, NELSON; 2002). A entrevista promove a averiguação dos fatos e a aquisição de informações que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, como suas crenças, atitudes e opiniões, sendo este

instrumento fonte de dados objetivos e subjetivos que só podem ser obtidos através da contribuição dos atores envolvidos no processo (MYNAYO, 1993).

Dentre as diferentes formas de estruturar uma entrevista, definidas pela literatura, optamos pela entrevista semi-estruturada, que tem por objetivo sondar os motivos, sentimentos e condutas do entrevistado perante um determinado assunto. Esta forma de estrutura nos permite organizar uma série de perguntas específicas ao assunto estudado e aplicá-las a todos os sujeitos da pesquisa, sofrendo ou não alterações no decurso da entrevista. Assim, a entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado. (LAKATOS, MARCONI, 1985).

Para o propósito deste estudo foram utilizadas apenas duas perguntas constantes no Bloco II do roteiro de entrevista (apêndice D), sendo os dados das perguntas restantes considerados deslocados do objetivo do estudo e reservados à confecção de outra pesquisa.

Projeto piloto

O projeto piloto é essencial para a preparação adequada do pesquisador e para possível correção de falhas metodológicas do projeto (THOMAS, NELSON; 2002).

Pensando nisso, o estudo piloto foi realizado para confirmação do roteiro de entrevista com professores de escolas pertencentes a outras diretorias de ensino da região de Campinas, portanto, escolas diferentes das escolhidas para a coleta definitiva. No estudo piloto também foram feitas entrevistas com professores que participaram da organização dos jogos, mas que deixaram de atuar.

Análise dos dados

Os dados levantados tanto na entrevista como nos documentos serão analisados através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002). Tal conceito é definido pela autora como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42).

Esta técnica de investigação permite a leitura e interpretação de conteúdos de ilimitadas classes de conhecimentos, partindo de uma descrição objetiva e sistemática dos conteúdos, manifestos das comunicações (MYNAYO, 1993).

Operacionalmente, a análise de conteúdo desdobra-se em três etapas (BARDIN, 2002):

- Pré-análise: constitui-se desde a escolha do instrumento, formulação de hipóteses e dos objetivos, e elaboração de indicadores para interpretação final;
- Exploração do material: consiste na operação de codificação, classificação e categorização dos dados, na busca da transformação dos dados brutos visando alcançar a compreensão do texto;
- Tratamento dos dados obtidos e interpretação: aprofundamento da análise da etapa anterior, desvendando o conteúdo latente dos dados manifestos.

Dentre as diferentes técnicas de análise de conteúdo, elegeu-se a análise de enunciação para tratarmos os discursos de nossos sujeitos. Bardin (2002) sugere a referida análise como uma das técnicas que melhor trata os discursos produzidos através de entrevistas.

Para análise dos documentos foi eleita a técnica de análise de conteúdo denominada análise categorial. Esta técnica é a mais antiga e a mais utilizada dentro deste método de análise; ela permite que os componentes das mensagens sejam ventilados em rubricas ou categorias (BARDIN, 2002).

No texto onde a estratégia de pesquisa utilizada foi a pesquisa bibliográfica, os dados foram analisados pelo processo de Leitura Informativa, no qual o ato de leitura objetiva, a coleta de dados ou informações, mais do que a formação, poderão ser utilizados para responder a questões específicas (CERVO, BERVIAN, 1972).

As análises apresentadas nos capítulos/artigos tiveram suporte no referencial teórico proposto ao propósito da dissertação.

Plano de Redação

Diferente do modelo tradicional de redação de dissertações, foi proposto neste trabalho aproximar o tópico de análise e discussões dos resultados a cada um dos assuntos abordados nos capítulos, e um capítulo final de fechamento e encadeamento das idéias propostas pela dissertação.

Seguindo sugestão da banca de qualificação, apresentamos a dissertação através da junção de diferentes artigos produzidos como resultantes dos estudos desenvolvidos no decorrer do processo de mestrado da pesquisadora.

Julgamos pertinente a apresentação dos três artigos aqui compilados em um mesmo estudo, pois a leitura dos mesmos em conjunto possibilita a configuração dos aspectos da temática do presente estudo.

Seguindo a reflexão apresentada e a sugestão da banca, o plano de redação foi assim composto:

- Uma *apresentação* (essa que se segue), para detalhar os caminhos percorridos pela dissertação;
- Três *capítulos/artigos*, cada um referente a um dos aspectos norteadores da pesquisa expostos na Fig. A.1;
- Um capítulo final de fechamento e desdobramento das idéias discutidas nos capítulos/artigos.

O primeiro capítulo/artigo objetivou discutir as inter-relações entre as concepções desenvolvidas para Educação Física Escolar e para Educação Física Adaptada, buscando suas divergências e congruências, de forma a contribuir na discussão sobre a atuação profissional para inclusão.

O segundo capítulo/artigo buscou descrever e analisar o pensamento e a atuação do profissional de Educação Física atuante no contexto escolar e em campeonatos escolares, e suas impressões sobre a participação de pessoas com deficiência neste contexto.

O terceiro capítulo/artigo aborda questões sobre a pedagogia do esporte, o esporte educacional, e o modelo de esporte proposto ao contexto escolar, o qual visa o atendimento dos alunos com deficiência.

O último capítulo compreende as impressões da autora sobre a junção das temáticas desenvolvidas nos três capítulos/artigos, frutos da idéia central desta dissertação, ressaltando suas conexões e vislumbrando perspectivas para a atuação do profissional em Educação Física.

Capítulo/ Artigo I

**Educação Física no contexto escolar: antigas
teorias para uma nova atuação**

A área de conhecimento da Educação Física no Brasil vem historicamente sofrendo modificações em seus princípios, suscitadas por inquietações de diferentes ordens, como as provenientes de questões morais e das necessidades específicas de diferentes grupos sociais.

Findando o século XIX e no cerne do século XX, as provocações partem das questões relacionadas à inclusão, somando-se as inquietações provocadas pela luta por direitos à uma educação física de qualidade para outras minorias, como as mulheres e os operários.

A educação inclusiva implica em discussões sociais amplas, pois envolve questões não só referentes aos alunos com deficiência, como também aos negros, índios, pobres, ou seja, todos os excluídos da sociedade. Não se pode ignorar que dentro desta diversidade existe diferença na própria diferença. Indivíduos que aparentam ter a mesma deficiência podem ser completamente desiguais socialmente (SOUSA, 2002).

As práticas desenvolvidas nas aulas de educação física⁴ representam um importante meio para o desenvolvimento global do aluno com deficiência por trabalhar o conhecimento do próprio corpo juntamente com um convívio social intenso.

Apesar das grandes mudanças na história percorrida pela Educação Física no Brasil no decorrer das últimas duas décadas, precisamos atentar que ainda existem problemas de diferentes ordens e formas a serem superados, sobretudo no tocante ao ensino e à pesquisa em relação às pessoas com deficiência.

Segundo Cruz (2005), parte dos professores que hoje atuam na escola não recebeu durante a formação qualquer informação relacionada ao assunto deficiência ou processo de inclusão, especialmente aqueles formados até o final da década de oitenta.

O suporte para as ações pedagógicas com objetivo na escolarização de alunos com deficiência transita ainda pela construção em alguns aspectos e desconstrução noutros. (CRUZ, 2005).

O professor, engajado na elaboração de projetos educacionais inovadores, deve “promover uma intervenção pedagógica que traduza sua autoridade profissional, expressão de suas reflexões e ações cotidianas” (CRUZ, 2005).

Neste sentido, este estudo se propõe a buscar nas teorias propostas à Educação Física (E.F.) para o contexto escolar brasileiro e para a atuação dos professores perante E.F.

⁴ Utilizaremos o termo Educação Física em letras maiúscula quando se tratar da área de conhecimento e em minúscula quando se tratar de disciplinas.

voltada ao atendimento de pessoas com deficiência, congruências que possam contribuir para a reflexão sobre a atuação do professor de educação física junto a este público. Assim, traçamos um paralelo entre estas teorias em relação às concepções que estas apresentam sobre o aluno, sobre o papel da escola e sobre os objetivos da educação física e seus conteúdos frente a diversidade.

Método

Procedimento

Para este trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Este tipo de pesquisa possibilita o exame de um tema por um prisma ou abordagem diferente do inicial; sendo assim, permite-nos mais do que uma simples reprodução do que já foi dito (MARCONI; LAKATOS, 1999), promovendo reflexões e apontamentos próprios ao problema observado no estudo em específico.

As fontes bibliográficas utilizadas neste estudo foram impressas sem periodicidade; foi dada preferência a publicações em livros com as temáticas: educação física escolar (E.F.E.) e educação física para pessoas com deficiência.

Em relação ao tema E.F.E., levantamos dentre os autores de expressão na área apenas três (FREIRE, 1997; KUNZ, 2003; COLETIVO DE AUTORES, 1992), que são comumente exigidos nos concursos públicos para professores de educação física na rede formal de ensino brasileira. Já para a segunda temática foram levantados livros através do acervo da biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp, utilizando os descritores: Educação Física adaptada, e educação física para pessoas com deficiência.

Método de Análise

Para análise e interpretação das obras encontradas no levantamento bibliográfico foi utilizado o processo de Leitura Informativa proposto por Cervo e Bervian (1972), o qual visa a coleta de dados ou informações para serem utilizados na busca de respostas a questões específicas. Este processo se divide em quatro fases, abaixo descritas:

- Leitura de reconhecimento e pré-leitura: permite ao pesquisador selecionar os documentos bibliográficos pertinentes ao seu problema de pesquisa, além de dar uma visão global do assunto pesquisado.
- Leitura seletiva: neste momento seleciona-se o que realmente é de interesse ao seu estudo, ou seja, os dados que forneçam elementos de resposta ao que se questiona.
- Leitura crítica ou reflexiva: é a fase de reflexão deliberada e consciente, de percepção de significados através de um esforço reflexivo, envolvimento de operações de análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento.
- Leitura interpretativa: é a fase em que as informações retidas durante a leitura dos documentos bibliográficos são aplicadas aos fins particulares da pesquisa em questão. É o momento de relacionar o que os autores afirmaram com os problemas para os quais procura-se solução.

Os critérios da leitura seletiva foram os propósitos deste estudo, no qual o foco da leitura das obras levantadas estava em identificar o modo como cada uma delas tratou as temáticas já relacionadas acima, que são: o papel da escola; o aluno; e os objetivos da Educação Física no contexto escolar.

Resultados

As teorias pedagógicas da educação física escolar

Atualmente, coexistem na área da E.F. no Brasil várias teorias pedagógicas, todas comprometidas com o objetivo de romper com o modelo mecanicista.

Neste estudo, discorreremos sobre três destas abordagens, as quais foram exigidas recentemente em concursos para o cargo de professor de educação física da rede regular de ensino do interior do estado de São Paulo.

Uma destas propostas é a chamada abordagem construtivista. Nesta, a escola tem por objetivo formar as crianças para exercerem funções na sociedade. Apesar de não esclarecer quais seriam estas funções, propõe contribuir para a formação de uma sociedade livre, na qual a educação não restrinja a liberdade das pessoas, havendo espaço de liberdade para se pensar, para se mexer e para criticar (FREIRE, 1997).

A referida abordagem tem como foco de estudo as crianças, baseando-se nos estudos de Piaget, levando-se em conta o desenvolvimento infantil e enxergando a criança não como algo vazio a ser preenchido, mas sim como agente de uma cultura própria da infância, rica em significados, merecedora de respeito e sendo considerada nas aulas (FREIRE, 1997).

Neste contexto e para estes personagens, a E.F. tem como papel pedagógico promover o desenvolvimento das habilidades motoras, tendo claras suas conseqüências do ponto de vista cognitivo, social e afetivo, atuando como todas as disciplinas presentes na escola e tendo como conteúdo jogos, brincadeiras e a cultura infantil (FREIRE, 1997).

Apesar de objetivar o desenvolvimento das habilidades motoras, esta perspectiva se opõe à padronização de movimentos) por constatar a manifestação de esquemas motores nas crianças, ou seja, a organização de movimentos construídos por elas para diferentes situações, movimentos estes que derivam de recursos biológicos e psicológicos constituintes de cada indivíduo (FREIRE, 1997).

Na teoria pedagógica denominada crítico-emancipatória, tem-se como objetivo primordial do ensino o desenvolvimento de competências como a autonomia e as competências social e objetiva, entendendo a última como a instrumentalização específica de cada disciplina, sendo estas imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados. Nessa perspectiva, a educação se dá através de reflexão e do diálogo (KUNZ, 2003).

Os alunos, nessa concepção, são tidos a partir de uma perspectiva iluminista, na qual o sujeito é capaz de crítica e de atuações autônomas (KUNZ, 2003).

A E.F.E., nessa mesma teoria, tem por meta capacitar o aluno para participar na sua vida social, cultural e esportiva, o que implica não apenas na aquisição de habilidade de ação

funcional, mas na reflexão crítica dada a partir da capacidade de reconhecer, conhecer e problematizar sentidos e significados em sua vida (KUNZ, 2003).

Nessa perspectiva, o objeto pedagógico da E.F.E. e dos esportes estende-se ao “Se-movimentar Humano”, tendo como sujeito um ser humano que viva, que faça parte de um contexto, que tenha história, que faça parte de uma classe social, ou seja, que tenha necessidade de “se-movimentar” (KUNZ, 2003).

Devemos entender aqui o Se-movimentar⁵ Humano como uma forma das pessoas se comunicarem com o mundo, ampliando nossa concepção sobre este fenômeno relacional e visualizando uma relação intencional de ações significativas. Dessa forma, a pedagogia que estuda os esportes para E.F. deve estudar o ser humano que se movimenta em suas diferentes manifestações, tanto nos esportes sistematizados como nas famílias, no contexto onde vive, entre outros. (KUNZ, 2003).

Essa abordagem faz ainda uma crítica ao modelo de escola que preconiza a retenção de informações nas disciplinas teóricas e a reprodução mecânica de movimentos em disciplinas práticas, destacando a importância de se focar o ensino na pessoa que se movimenta e não nos movimentos que ela realiza.

Dessa forma, a compreensão e a descoberta de novos sentidos no esporte se dão não pelo simples fazer, mas pela reflexão e o diálogo sobre estas práticas, de forma a superar o ensino tradicionalmente mecanicista. Para tanto, propõe uma transformação didático-pedagógica do esporte, para proporcionar aos alunos uma compreensão crítica sobre as diferentes formas deste conteúdo, vinculadas ao seu contexto político (KUNZ, 2003).

A última teoria pedagógica a ser abordada por nós é a crítico-superadora, segundo a qual a escola não é responsável pelo desenvolvimento do conhecimento científico, mas sim por desenvolver a reflexão do aluno sobre esse conhecimento. Aguçando a capacidade intelectual, propõe ainda que o conhecimento seja tratado de forma historicizada, sendo aprendido em seus movimentos contraditórios (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

⁵ Este termo é utilizado desta forma pelo autor original.

A seleção de conteúdos neste prisma deve levar em conta a relevância social do sujeito, a contemporaneidade e a adequação às possibilidades sócio-cognitivas do aluno. O currículo deve comprometer-se com o interesse das camadas populares, tendo como cerne a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória na qual os alunos estão inseridos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nesta perspectiva, os alunos são vistos como reflexo da sociedade de classes, na qual o movimento social caracteriza-se principalmente pela luta entre estas classes, na busca de firmarem seus interesses (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Dentro deste pensamento, a E.F.E. busca contribuir para a afirmação dos interesses das classes trabalhadoras, por meio da exploração do conhecimento desde sua origem e proporcionando ao aluno uma visão de historicidade, levando-o a compreender que é um sujeito histórico, capaz de interferir na sua própria vida e também na sociedade sistematizada (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Para a abordagem crítico-superadora, o objeto da E.F.E. é a cultura corporal, que visa a apreensão da expressão corporal como linguagem, sendo utilizada pelo homem como objeto para obtenção de suas aspirações subjetivas e de suas significações na realidade, estando presente nas suas relações sociais (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

As três teorias aqui expostas buscam romper com o paradigma da aptidão física, trazendo à tona, a partir de visões distintas, o ser humano por trás do aluno. Todas se preocupam com o ser humano em sua complexidade, buscando dialogar sobre o comportamento humano, seja no seu aspecto cognitivo, motor, cultural ou político.

O modelo de corpo entendido unicamente como instrumento a ser ajustado para alcançar um rendimento ou responder a uma determinada organização social é abandonado em prol da descoberta de um corpo complexo, despido da dualidade físico/ intelectual.

Essas novas tendências permitem dentro da E.F. uma série de novas reflexões sobre a atividade física e o esporte, despertando o interesse de atender outros públicos e abrindo possibilidades de ações educativas de diferentes formatos.

Educação Física voltada às pessoas com deficiência

A E.F. volta-se às pessoas com deficiência no início do século XIX, a princípio fortemente influenciada pela orientação médica e sob o caráter de reabilitação e de correção; estes fatores, no final do século XX, dão origem à Educação Física Adaptada (E.F.A.) (WINNICK, 1990).

A partir de então, os programas de E.F. começam a direcionar-se para o trabalho com o esporte de forma a considerar a criança em sua totalidade, em detrimento dos treinamentos físicos de orientação médica. Esta transição deu origem a programas constituídos por jogos, esportes, atividades rítmicas, etc., desenvolvidas para conhecer as necessidades dos alunos (SHERRIL, 1986).

Os programas de E.F. desenvolvidos neste período consistiam em classes regulares e classes corretivas. As classes corretivas eram responsáveis pelas atividades ligadas à saúde, postura e problemas de aptidão. Os alunos eram encaminhados para estas classes após a avaliação médica (SHERRIL, 1986).

Durante o final do século XX, muitas crianças com deficiência passaram a estudar em escolas públicas, o que desencadeou o aparecimento de diferentes programas com o objetivo de compreender as necessidades destes alunos (WINNICK, 1990).

No ano de 1952, a Aliança América para Saúde, Educação Física e Recreação cria o comitê em Educação Física Adaptada, para definir esta sub-disciplina e dar direções aos profissionais da área. O resultado foi uma definição que considerava esta sub-disciplina como

(...) um programa diversificado de atividades para o desenvolvimento, jogos, esportes, e ritmos adequados aos interesses, capacidades e limitações dos estudantes com deficiência que talvez não possam com segurança ou com sucesso envolver-se com plena participação em atividades rigorosas dos programas de educação física em geral (WINNICK, 1990, p.6)⁶.

Contemporaneamente as direções e ênfases tomadas à E.F.A. estão diretamente ligadas com o reconhecimento do direito de todo indivíduo à educação de qualidade.

O movimento desencadeado pela Declaração de Salamanca em 1994 dá origem a diversas legislações por todo o mundo, que influenciam diretamente a E.F.A. e fazem com que ela se volte novamente em prol da inclusão.

⁶ Tradução nossa.

Num programa de educação física voltado à inclusão a diversidade não se restringe apenas à condição das pessoas, mas sobretudo à qualidade das oportunidades e das vivências.

Numa proposta inclusiva de atividade motora, o foco deve estar no potencial do indivíduo, não se restringindo a visão de deficiência nas limitações, comprometimento ou falta de funcionalidade em um órgão ou segmento e ressaltando a capacidade dos que compartilham a prática com a pessoa com deficiência, promovendo a adaptação conjunta a essa condição (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Os currículos devem ser confeccionados a partir da organização de conteúdos selecionados conforme a expectativa e as necessidades dos integrantes do grupo; assim, o currículo inclusivo deve voltar-se ao processo com base no princípio da diferenciação, no qual os objetivos devem ser ajustados às capacidades e à motivação do aluno ou grupo a que se destina (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Os conteúdos permeiam a gama de conhecimentos propostos à E.F.A., não se diferenciando dos programas tradicionais e, portanto, exigindo um investimento da área na metodologia e nas estratégias de ensino-aprendizagem (CIDADES, FREITAS, 2002).

A filosofia que caracteriza este como um programa voltado à inclusão, ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade deve estar implícita e ser demonstrada na diversidade de metas, currículos, conteúdos, estilos de ensino e procedimentos pedagógicos, transparecendo também nos valores e atitudes demonstrados pelos participantes (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

As discussões desenvolvidas sobre a E.F para pessoas com deficiência buscam afastar-se do modelo médico de deficiência, no qual o indivíduo deveria ser moldado a um padrão. Para isso, busca-se uma escola comprometida com a atuação crítica de seus alunos, para que estes tenham possibilidade de exercer seus direitos.

Nesta perspectiva, o aluno é visualizado através de suas potencialidades e não de suas limitações, sejam elas físicas, cognitivas ou sociais. Ele é visto em sua complexidade e entendido dentro de um meio também complexo.

O estudo dos documentos bibliográficos, que formaram as fontes das incursões acima, originou o quadro abaixo apresentado, com a finalidade de melhor visualizar o possível perfil da E.F. desenhado pelas teorias pós-ruptura com os pensamentos que permitiram a instrumentalização indiscriminada do corpo e a exclusão de diferentes figuras sociais, como a pessoa com deficiência.

	E.F. tradicional	E.F.E após a década de 1980			E.F. inclusiva
Variáveis	<i>Aptidão Física e esportiva</i>	Construtivista	Crítico-emancipatória	Crítico-Superadora	Diversidade
Aluno	<i>um corpo a ser moldado</i>	a criança é agente de uma cultura própria da infância	o sujeito é capaz de crítica e atuações autônomas	o aluno é visto como reflexo da sociedade de classes	considera a criança em sua totalidade, focando em suas potencialidades
Objetivo da Educação Física	<i>disciplinar os corpos para atender a ordem social vigente</i>	promover o desenvolvimento das habilidades motoras, tendo claro suas conseqüências do ponto de vista global	capacitar o aluno para participar na sua vida social, cultural e esportiva	contribuir para afirmação dos interesses das classes trabalhadoras	garantir o acesso a diferentes ordens de conhecimentos da E.F. a todos os alunos e o desenvolvimento de habilidades sociais na diversidade
Papel da escola	<i>manutenção da organização social vigente</i>	formar crianças para exercerem funções na sociedade, contribuindo para formação de uma sociedade livre	formação de sujeitos livres e emancipados	desenvolver a reflexão do aluno sobre o conhecimento científico	preparar os diferentes alunos para atuar em sociedade, respeitando e reconhecendo suas necessidades

Quadro I: Perfil da Educação Física sob as novas teorias.

O quadro permite visualizar a diferença entre as idéias defendidas pelas teorias desenvolvidas para a E.F. no contexto escolar e E.F. para pessoas com deficiência em relação à

E.F. tradicional, ao mesmo tempo em que nos desperta para uma nova tendência de pensamento entre estas abordagens.

Apesar de apresentarem diferenças específicas e relevantes em suas abordagens, principalmente ao se tratar da metodologia de ensino, as teorias expostas no quadro demonstram um mesmo caminho em suas idéias a respeito dos critérios: aluno; objetivos da Educação Física no contexto escolar; papel da escola.

Nas diferentes abordagens aqui apresentadas, estes critérios foram delineados para romper com a máxima da escola tradicional, e ao mesmo tempo assemelham-se em suas expectativas para futura atuação da educação e para uma sociedade onde todos possam interagir de forma significativa no andamento da mesma.

Na nova tendência para o critério aluno, este passa a ser considerado no processo pedagógico, suas necessidades e experiências são abordadas de diferentes formas, abandonado-se a idéia de um indivíduo que deve unicamente ser moldado para responder a um propósito pré-determinado.

Considerando o aluno em sua complexidade, os objetivos da Educação Física rompem com a idéia de instrumentalização dos corpos, tirando seus objetivos da simples aquisição de habilidades e capacidades em prol de um rendimento, para articular seus conteúdos e conhecimentos à formação global do aluno, para além das capacidades físicas, para a articulação social, cultural e psicológica.

Desta forma, as abordagens descritas no quadro dão espaço para uma nova concepção do papel da escola, que é o de comprometer-se com a formação de uma sociedade crítica e não mais com a manutenção das hegemonias governamentais.

Nesta nova perspectiva, o aluno deve ser considerado em sua complexidade. Os objetivos da Educação Física estão relacionados à interação do aluno em sociedade, considerando-se os aspectos sociais, culturais, motores, cognitivos, etc., e vislumbrando a escola e o ensino com um papel de influência na formação de cidadãos críticos, capazes de interagir na sociedade em que residem.

Discussão

Educação Física Escolar

No momento em que o paradigma da inclusão busca espaço na sociedade, no Brasil a E.F. já vinha sofrendo modificações significativas em reflexo às transformações sociais ocorridas neste período histórico. As mudanças políticas influenciaram diretamente as formas de ensino e, conseqüentemente, a relação do corpo na E.F.

O processo de sistematização do ensino procura também corresponder às necessidades do sistema capitalista, que busca acelerar a formação dos indivíduos de forma a instrumentalizá-los para que ingressem o mais rápido possível no mercado de trabalho, produzindo, assim, para o sustento da sociedade de consumo.

O pensamento racionalista ocidental tornou possível tratarmos a educação intelectual separadamente da educação corporal, cada qual com alvos em objetos bem distintos. A educação intelectual preocupava-se com o espiritual ou mental e a educação corporal mantinha seu foco apenas no corpóreo ou físico. O resultado da soma dessas duas tendências é a educação integral, que tem por objetivo influenciar o comportamento humano (BRACHT, 1999).

Este pensamento permitiu a instrumentalização indiscriminada do corpo, o qual sofre várias intervenções na busca de adaptá-lo às exigências das diferentes formas sociais de organização (BRACHT, 1999).

A E.F. como prática pedagógica dentro da instituição escolar emerge no Brasil no final do século XIX e início do século XX, sendo fortemente influenciada pelas instituições militares e pela categoria profissional dos médicos (CATELLANI FILHO, 1994). Neste período, a E.F. estava a serviço da saúde e da pátria, o corpo era educado para hábitos saudáveis (higiênicos) e virilidade (força) (BRACHT, 1999).

Nos séculos XVIII e XIX o corpo é alvo de estudos fundamentalmente das ciências biológicas; a visão mecanicista de mundo é aplicada ao corpo e seu funcionamento. O conhecimento científico fornecia elementos que permitiam um controle eficiente e um aumento de sua eficiência mecânica (BRACHT, 1999). Nesta perspectiva, a E.F. surge para colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, permitindo uma adequada adaptação ao processo produtivo ou à política nacionalista.

Gradualmente, no século XX, há uma transferência do controle do corpo baseado nas ciências biológicas e adquirido através da racionalização e repressão, para um controle do corpo com ênfase no psicológico e adquirido via enaltecimento do prazer corporal, da estimulação (BRACHT, 1999).

Outro fenômeno tem origem neste mesmo período: o da prática esportiva, pautado na legislação esportiva brasileira que passa a afirmar que um dos objetivos básicos da E.F. era o aprimoramento da aptidão física da população, o que revela uma outra faceta da E.F. relacionada à performance esportiva, da ordem da produtividade, eficácia e eficiência (CATELLANI FILHO, 1994).

Novamente a E.F. passa a corresponder à nova organização social que se instala neste período, a qual busca caminhos para a normalidade democrática e para produção.

É com base nestas perspectivas que se desenvolve a E.F. tradicional, de forma a garantir a manutenção dos interesses governamentais e restringindo sua atuação aos moldes militaristas, higienistas e esportivizados.

O paradigma da aptidão física instituído e reforçado pelas duas posturas adotadas anteriormente para E.F. e aqui descritas passou a ser contestado a partir da participação mais intensa das ciências sociais e humanas na área de E.F. Esse viés fez parte de um movimento amplo nomeado movimento renovador da E.F. brasileira, originado na década de 1980 (BRACHT, 1999).

O eixo principal da crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado com base na função social que se atribuía à escola, tendo como parte significativa a manutenção da organização social vigente no molde capitalista. A área da E.F. absorveu todas as discussões acerca do caráter reprodutor da escola e das possibilidades de contribuição à transformação da sociedade capitalista.

A década de 1980 foi fortemente marcada por esta influência, dando origem a uma corrente de pensamentos críticos ao papel da E.F. até este momento. Se a princípio este movimento apresentava-se homogêneo, hoje é possível identificar diferentes propostas neste sentido com diferenças significativas.

É neste período que surgem as obras estudadas nesta pesquisa; desta forma todas buscam uma nova atuação para educação e conseqüentemente para E.F., buscando romper com os mesmos pensamentos e, por isso, homogêneas em seus ideais.

Educação para pessoas com deficiência

Durante a década de 1980 um grande contingente de alunos com deficiência passou a ser integrado em classes regulares do ensino, pelo menos por meio período, processo este que se intensificou no término daquela década. Apesar da forte tendência à inclusão, existiram ainda articulações para retardar ou reverter o processo. Assim, somente no início da década de 1990 o movimento ganha força (STAINBACK, STAINBACK, 1999).

No sistema educacional, a transformação foi favorecida pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos: Promovendo necessidades básicas de aprendizagem, em Jomtien, na Tailândia em 1990; e logo após, pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, em Salamanca, na Espanha em 1994. Estas desencadearam uma série de ações governamentais comprometidas com a equidade e qualidade do ensino em todo o mundo (PADILHA, FREITAS, 2005).

O termo inclusão para a educação regular surge oficialmente na Declaração de Salamanca registrada pela UNESCO no mesmo ano (BRASIL, 2007a).

Este documento preceitua:

“capacitar escolas comuns para atender todos os alunos, em particular aqueles que são portadores de necessidades especiais; preparação adequada de todo o pessoal da educação constitui um fator chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas” (SASSAKI, 1997, p.121).

A declaração reafirma o direito que qualquer criança tem à educação de qualidade, reconhece também que cada aluno possui características, interesses e necessidades de aprendizagem que são únicas, destacando a importância de sistemas de ensino que levem em conta a vasta diversidade de características e necessidades dos alunos (BRASIL, 2007a).

São congregadas também, na declaração, ações políticas para educação especial nas dimensões nacionais e internacionais, para o desenvolvimento da escola inclusiva.

O maior contra-ponto da educação inclusiva é desenvolver uma pedagogia centrada na criança, de modo que possa educar incluindo-a de forma bem sucedida, contribuindo para modificar ações discriminatórias, criando uma sociedade mais acolhedora, uma sociedade inclusiva (BRASIL, 2007a).

“Escolas centradas na criança são além do mais a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos” (BRASIL, 2007a, p.4).

Segundo o mesmo documento, o princípio fundamental da escola inclusiva é que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independente das diferenças ou dificuldades que apresentem. A escola deve ainda reconhecer e responder às necessidades de seus alunos, respeitando os estilos e ritmos diferentes de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade por intermédio de um currículo adequado, de estratégias de ensino e organizacionais, e parcerias com a comunidade (BRASIL, 2007a).

Esta declaração despertou em seus 95 países subscritores um enorme ímpeto em colocar suas determinações em prática, em oposito a outras declarações de mesmo gênero. Foi surpreendente a rapidez com que o termo inclusão tomou o lugar do termo integração. Apenas três anos após os princípios de Salamanca, já mediavam as legislações de diferentes países, inclusive no Brasil (RODRIGUES, 2005).

No Brasil, a constituição federal garante o direito à igualdade (art. 5º); a partir do artigo 205, trata do direito de todos à educação, “esse direito deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2007e, p. 6).

A LDB 9.394/96, que regimenta a educação brasileira, garante a inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular. A atual política educacional brasileira inclui em suas metas, a integração de crianças e jovens com necessidades especiais na escola, em classes regulares, com o apoio de atendimento educacional especializado quando necessário (BRASIL, 2007c).

Olhares sobre a Educação Física

Os movimentos para E.F.E. e para E.F. para pessoas com deficiência surgem ao mesmo tempo, num período histórico brasileiro marcado por mudanças políticas significativas; porém nascem como correntes de pensamentos diferentes e acabam por se distanciar um do outro, ou nunca se aproximar.

Estas duas vertentes foram tratadas como coisas distintas, entretanto visam um mesmo contexto e buscam romper com a mesma realidade.

A proximidade de ideais relacionados aos diferentes critérios levantados nos resultados deste estudo se dá pela trajetória percorrida por estas teorias no momento histórico

discutido, que teve seu cume nas décadas de 1980 e 1990 – não tão distantes da realidade atual, mas distantes da atuação profissional da E.F.

Muito já se discutiu em termos pedagógicos e metodológicos para a atuação da E.F. no contexto escolar inclusivo ou não, mas estes conhecimentos foram pouco articulados, não chegando a formar uma atuação efetiva. Muitos professores atuantes na rede de ensino não tiveram acesso a estas teorias ou não têm uma visão macro das mesmas, tendo assim dificuldade de articulá-las em prol de um ensino de E.F. com qualidade para todos os alunos.

A discussão acerca da ponte entre teoria e prática abrange não somente a E.F., mas todos os cursos de licenciatura, e não se restringe apenas à simples articulação entre campos (teórico e prático), mas engloba inúmeros fatores que a influenciam.

Este distanciamento nos cursos de graduação em E.F. pode estar atrelado, entre outros fatores, à herança deixada pelas tendências que originaram a formação em E.F., sobretudo a militarista e a esportivista, cujas características enfocavam predominantemente as habilidades práticas ligadas ao saber fazer do professor. Há, ainda hoje, uma grande discussão em torno destas mudanças dos anos noventa, sugerindo que os cursos tornaram-se excessivamente teóricos e distantes do serviço profissional, ou muitas vezes que as mudanças deram origem a um novo perfil profissional para área, onde além de executar, o profissional compreende o homem em movimento (GHILARD, 1998).

Segundo Rangel-Betti e Galvão (2001) o aluno de graduação necessita ser inserido na prática o quanto antes em sua formação, para que possa construir e comparar estratégias de ação, formas de pesquisa, teorias e categorias de compreensão. Porém essas devem ser realizadas de forma a favorecer o aluno a refletir antes, após e durante a prática de ensinar, e para tanto todo o corpo docente deveria estar engajado neste processo. A prática reflexiva é uma possibilidade de auxílio a esta questão, pois proporciona ao futuro professor, mesmo em aulas predominantemente teóricas, ter experiências práticas através da reflexão sobre as mesmas, imaginando situações-problema e resoluções.

As mudanças na proposta pedagógica da E.F., as quais foram identificadas nas teorias apresentadas neste estudo, abrem caminho a uma pedagogia capaz de atender a todos os alunos com qualidade, pois busca nos próprios alunos e nas suas realidades sociais os significados para sua aprendizagem.

Desta forma, as discussões da E.F. para o contexto escolar devem estar voltadas para a apropriação deste novo olhar pedagógico, já discutido por diferentes teorias, e para a articulação das estratégias de ensino-aprendizagem desenvolvidas para grupos específicos, além da elaboração de novas estratégias para garantir um atendimento de qualidade a todos os alunos em conjunto.

Considerações finais

As teorias aqui apresentadas sobre a E.F.E. e a E.F. para pessoas com deficiência despertam para uma nova perspectiva de atuação do ensino em geral, comprometendo-se com o “ser humano” e deixando de lado o adestramento puro dos corpos; abrindo espaço para compreensão e cooperação com os potenciais dos diferentes alunos, buscando contribuir para sua articulação em sociedade.

Ao destacar nas teorias da E.F. antes apresentadas seus posicionamentos perante a escola e o aluno, constatou-se a existência de congruências em seus pensamentos para ambos os parâmetros.

As teorias aqui abordadas levantam a necessidade de voltar os olhares dos professores ao aluno, como um ser humano complexo inserido em uma sociedade que se movimenta através de sua ação crítica e consciente, e não objetivando somente os possíveis resultados motores e cognitivos que estes podem apresentar ao final do processo de aprendizagem.

Diante do conceito de escola, destaca-se a necessidade de reconhecimento de sua atuação social, assim como de todos os indivíduos envolvidos neste contexto (aluno, professor, diretor etc).

Nesse sentido, o desafio da inclusão não está simplesmente na capacitação “técnica” de professores, buscando o conhecimento de conteúdos específicos da Educação Física Adaptada, tal como o Esporte Adaptado (ou esportes específicos para pessoas deficientes, como o Goalball) ou o conhecimento biológico (anatômico, fisiológico, etc), mas sim sobre as

potencialidades motoras de uma pessoa/criança com deficiência. Conhecimentos estes que são também necessários para a elaboração de estratégias didático-pedagógicas.

Deve fazer parte do desafio pedagógico a prática de reflexões, planejamentos e entendimentos que tragam à tona ações voltadas à complexidade do aluno, norteadas por propostas teóricas que visem propiciar o espaço de liberdade do pensar, movimentar e criticar, enxergando os alunos não como algo vazio a ser preenchido, tal qual lembra a abordagem construtivista. Outra opção é que sejam criadas propostas de valorização de competências (social, objetiva e autonomia), como sugere a teoria crítico-emancipatória; ou então propostas como a da apreensão da expressão corporal como linguagem, desenvolvendo no aluno a força de sua capacidade intelectual, tal qual a teoria crítico-superadora, todas discutidas neste estudo.

Nota-se que para incluir as pessoas/crianças com deficiência num contexto como o da Educação Física Escolar atualmente é preciso reconhecer que, além de buscar conhecer os sujeitos partícipes diretamente envolvidos no sistema escolar e conhecer “domínios” presenciais, é preciso repensar conceitos culturais e sociais, passados e atuais. É necessário perceber os limites e barreiras passíveis de preservação ou de demolição, inerentes aos muros que cercam cada aluno e aos muros que cercam as escolas.

Aos professores, resta imaginar uma caminhada dentro e fora desses muros, aperfeiçoando o próprio empenho e engrenando-se às pessoas e contextos que desejam e que precisam atuar.

Capítulo/ Artigo II

Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física

Por muito tempo, as pessoas com deficiência foram deixadas à margem da sociedade, sendo visualizadas a partir de um modelo médico, e tendo a deficiência caracterizada como sinônimo de invalidez e incapacidade.

Durante a década de 1990 surge uma grande tendência à inclusão das pessoas com deficiência em todos os ramos da sociedade, suscitando a participação efetiva desses em todo seu contingente.

A inclusão surge como uma modificação global, exigindo não apenas uma mudança nos métodos educacionais ou nas estruturas físicas dos ambientes, mas também uma mudança na conscientização de todos os envolvidos, com ou sem deficiência (SASSAKI, 1997).

O termo inclusão na educação comum surge oficialmente no cenário internacional após a Declaração de Salamanca registrada pela UNESCO em 1994 (BRASIL, 2007a).

No Brasil, os preceitos constitucionais determinam que o direito à educação dos alunos com necessidades especiais deverá ser garantido, e a LDB 9.394/96, por seu lado, garante a inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular e em todas as atividades de seu contexto (BRASIL. Presidência, 2007; BRASIL, 2007c).

Segundo dados do Censo Escolar 2006 (BRASIL, 2007b), a política de inclusão em escolas regulares nas classes comuns no Brasil evoluiu de 13,0% em 1998 para 46,4% em 2006.

O Censo mostra ainda que até 2006 o número de escolas públicas que possuíam matrículas na educação especial era de 47.381 para um total de 54.412 escolas, entre públicas e privadas. Dentre estas escolas, o número total de matrículas de alunos com deficiências em classes comuns era de 325.136 alunos. Dessas matrículas, 69.838 são de alunos com alguma deficiência visual (BRASIL, 2007b).

Tendo em vista esse novo cenário da educação brasileira, com a participação efetiva de pessoas com deficiência no contexto escolar, buscamos repensar a educação física escolar de forma a promover a participação desses em todas as práticas que a envolve.

Segundo Sherrill (1984), a escola⁷ ou instituto especializado é o principal meio de aprendizagem da pessoa com deficiência visual (D.V.), tendo como principais agentes os

⁷ A autora reporta-se neste texto a escola pública ou residencial, como opções nos Estados Unidos.

professores e as práticas sistematizadas – o que torna a escola um elemento de importância crucial ao desenvolvimento das crianças.

Sabemos ainda que o convívio familiar pode ser decisivo e primordial para a aprendizagem da pessoa com deficiência visual. No entanto, sabemos que o tempo disponível e muitas vezes o preparo especializado dos familiares é muito pequeno, e assim este espaço fica diminuído e insuficiente, se comparado com o ambiente escolar para formação das pessoas com deficiência visual.

No Brasil, a educação voltada às pessoas com deficiência é promovida em escolas especializadas, bem como em instituições especiais voltadas muitas vezes ao atendimento específico de uma deficiência. A partir da LDB 9.394/96, este atendimento passou a vigorar também nas escolas públicas e regulares (BRASIL, 2007a).

Dentre as práticas sistematizadas apresentadas na escola, podemos ressaltar as desenvolvidas nas aulas de educação física, as quais permitem um reconhecimento do próprio corpo por parte do aluno, assim como um amplo convívio social, sendo um veículo importante para o desenvolvimento motor e social da pessoa com D.V.

As práticas esportivas podem promover o desenvolvimento das habilidades motoras do aluno com D.V., como também a orientação e mobilidade dos mesmos, porém os alunos que apresentam deficiência visual são muitas vezes pouco estimulados nas escolas⁸ (PONCHILLIA, STRAUSE, PONCHILLIA, 2002).

Pesquisas demonstram que a pessoa com D.V. apresenta um déficit no desenvolvimento motor em comparação ao de uma pessoa sem tal deficiência (FAZZI et al, 2002; DEPAUW, 1981). No entanto, tal desvantagem pode ser decorrência de complicações secundárias à deficiência, caracterizadas pela influência do ambiente, como oportunidades, cultura, e não pela perda ou anormalidade da função visual propriamente dita (OLIVEIRA FILHO, ALMEIDA, 2005; MÜNSTER, ALMEIDA, 2005; HOPKINS et al, 1987).

Para Craft (1990) a perda visual não é causa direta de nenhuma característica motora ou física.

Criar oportunidades para que a pessoa com D.V. movimente-se explorando o meio ambiente de forma segura é importante para minimizar os possíveis atrasos em seu desenvolvimento. Programas de Educação Física com o objetivo de ensinar estes alunos

⁸ Os autores reportam-se neste estudo a escola regular e pública dos Estados Unidos.

independência e auto-suficiência poderão incrementar o desenvolvimento global dos mesmos (CRAFT, 1990; KOBBERLING, JANKOWSKI, LEGER, 1991).

Estudos demonstram que pessoas com D.V. que tiveram suas primeiras experiências em práticas esportivas durante os anos escolares têm maior propensão a manterem-se engajadas na prática durante a vida adulta, podendo engajar-se até mesmo em programas de alto rendimento esportivo (SHERRILL, POPE, ARNHOLD, 1986; PONCHILLIA, STRAUSE, PONCHILLIA, 2002).

Diante desta nova perspectiva, o desgastado ideário de igualdade começa a ser deixado de lado e surge um novo discurso hegemônico. Estamos falando das diferenças concretas existentes entre os seres humanos, que sempre existiram e eram desconsideradas pela maioria dos educadores (CARMO, 2002).

Finalmente os ideários de aptidão física cedem espaço à outra concepção de ser humano, corpo e movimento: a diversidade, as desigualdades e diferenças (CARMO, 2006).

Segundo Münster e Almeida (2006) a diversidade está presente no programa de atividade motora voltado à inclusão, em diferentes aspectos: nas metas, nos currículos, nos conteúdos, nas estratégias e procedimentos pedagógicos, nos materiais e recursos empregados, nos locais e ambientes de intervenção, nos métodos de avaliação e em todos que participam do processo.

Desta forma a ênfase do trabalho recai sobre o programa e não sobre a deficiência. Num programa criado neste sentido, a compreensão da deficiência deve pautar-se pelo potencial do indivíduo e das pessoas que o rodeiam e não pela limitação, comprometimento ou falta de funcionalidade em um órgão ou segmento corporal (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Neste sentido, este estudo propõe-se a analisar as concepções dos professores de educação física atuantes na rede regular e pública de ensino sobre a participação de alunos com deficiência visual em práticas relacionadas à educação física escolar, buscando compreender como estes enxergam o aluno com deficiência e seu envolvimento nas aulas de educação física.

Método

Procedimento

Foram sujeitos deste estudo professores de educação física escolar integrantes do quadro de professores das escolas estaduais do interior do estado de São Paulo, e participantes da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo com equipes nas modalidades Futsal, Atletismo e Xadrez, por essas já apresentarem adaptações à prática esportiva da pessoa com deficiência visual, como também professores que participam na organização dos referidos jogos. Participaram da pesquisa nove professores de Educação Física, com média de doze anos de atuação em campeonatos escolares, sendo seis professores da rede estadual de ensino de escolas a cargo de uma mesma diretoria de ensino e três responsáveis pela organização da Olimpíada Estadual de São Paulo em suas diferentes etapas, sendo um de cada órgão ligada a esta (Diretoria de Ensino, Secretaria da Educação e Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo).

Os locais de coleta de dados foram escolas estaduais do interior do estado de São Paulo, as quais foram determinadas pela escolha da diretoria de ensino e o cruzamento com os dados das escolas que já haviam participado da Olimpíada nas modalidades atletismo, futsal e xadrez simultaneamente; também foram locais de coleta de dados a diretoria de ensino do interior do estado de São Paulo, onde se concentrava o maior número de escolas com equipes nas três modalidades referidas, e as Secretarias da Educação e de Esporte, Lazer e Turismo, responsáveis pela organização do campeonato nesta região.

Entrevista

Para coleta dos dados foi realizada uma entrevista pessoal semi-estruturada com cada um dos sujeitos. A entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado. (LAKATOS, MARCONI, 1985).

Para o trabalho que agora se apresenta foram destacadas as questões que direta ou indiretamente resultaram do questionamento sobre o modo como os sujeitos imaginariam situações de inclusão de alunos com deficiência visual nas práticas da educação física escolar, e que nos permitiram inferir sobre suas concepções acerca das possíveis contribuições que esta prática oferece aos alunos com D.V. e sobre a efetiva participação destes nas atividades.

Método de Análise

Os dados levantados foram analisados através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002). Esta técnica de investigação permite a leitura e interpretação de conteúdos de ilimitadas classes de conhecimentos, partindo de uma descrição objetiva e sistemática dos conteúdos, manifesto das comunicações (MYNAYO, 1993).

Dentre as diferentes técnicas de análise de conteúdo, elegemos a análise de enunciação para tratarmos os discursos de nossos sujeitos. A análise de enunciação considera o discurso não como um dado, um produto acabado, mas como um processo de elaboração com todas as contradições, incoerências e interpretações que isso comporta. Um processo onde são produzidos sentidos e transformações (BARDIN, 2002).

A análise que seguidamente se apresenta apoiou-se num conjunto de critérios associados a fases tal como foram descritos por Bardin (2002).

A primeira fase constituiu-se na leitura flutuante do discurso de cada sujeito, buscando as temáticas emergentes em seus discursos, relacionadas ao modo como se colocam perante a inclusão de alunos com deficiência visual nos campeonatos escolares e também o modo como desenvolvem seu raciocínio sobre o assunto.

Detectadas as temáticas congruentes em cada discurso, partimos para a inferência individual dos discursos para cada temática. Neste processo o discurso dos sujeitos foi fracionado em frases de sentido e categorizado dentro das temáticas emergentes. Buscamos neste processo o posicionamento de cada indivíduo perante a temática do estudo, levando-se em conta a posição social e a experiência de cada sujeito.

Num momento seguinte realizou-se a inferência coletiva, na qual convergimos as inferências individuais de cada temática a um único grupamento de informações, para assim identificarmos o posicionamento de nossa amostra perante os temas levantados.

Resultados

A análise das entrevistas permitiu identificar três importantes aspectos do pensamento dos professores a respeito da inclusão de alunos com deficiência visual em práticas relacionadas à educação física escolar: capacitação, estrutura e o aluno com deficiência.

As perguntas analisadas referem-se ao modo como os professores enxergam as implicações que o campeonato escolar traz à pessoa com D.V. e sobre a possibilidade de participação destes nos atuais campeonatos da rede de ensino.

Os discursos aludem mais às queixas surgidas após a institucionalização da inclusão do que à relação de conhecimentos e conteúdos que os professores de Educação Física dominam e podem articular para atender a todos seus alunos. Há uma clara dificuldade entre os entrevistados em relacionar seus conhecimentos teóricos e a experiência com outros públicos ao trabalho inclusivo.

Capacitação

O aspecto capacitação trata do preparo profissional para atender o aluno com D.V., seja na formação inicial ou continuada do professor. Os discursos aludem à falta de capacitação profissional para atender as necessidades deste público, sendo as contribuições ofertadas aos alunos e a real participação destes comprometidas diretamente por este aspecto.

Sujeito I - Olha eu vejo assim, o professor a nível de Estado a gente não tem um preparo tá, adequado para trabalhar por exemplo com o deficiente visual ou um cadeirante tá, mas a gente né, uma pessoa, um professor, um mestre que nos dê essa possibilidade de um treinamento que eu acho que a inclusão dessas pessoas, desses alunos dentro da escola do estado é muito importante.

Sujeito II - Então acho muito importante estar fazendo um trabalho diferenciado pra eles, porque eles são pessoas diferenciadas e eu acho que eles merecem tanto quanto os outros e não tem. Aí a escola hoje obriga a receber esses alunos, mas não tem um tratamento diferenciado, o professor não consegue fazer o tratamento diferenciado pra ele tanto pela capacidade do professor mesmo por ele não ter disciplinas específicas para isso (...).

Sujeito VII - Nada impede que também a participação dos deficientes visuais com uma coordenação, com uma coordenação também paralela que é o pessoal especializado nesta clientela (...).

Sujeito IX - É (...) como eu te falei. Eu não tenho um conhecimento mais aprofundado das possibilidades do deficiente visual praticar esporte, no meu entendimento juntos eu acho difícil.

A primeira preocupação que surge é a formação especializada para o atendimento à pessoa com deficiência, em detrimento de todo o conhecimento específico à área

de Educação Física que é a base para o trabalho com os diferentes públicos abrangidos pela área, seja na escola, clube, praça de esportes, etc.

Esta constatação denota uma lacuna na articulação entre conhecimentos teóricos e práticos, principalmente quando esta preocupação surge no discurso sobre as contribuições que o processo que envolve um campeonato pode trazer aos seus diferentes participantes, porém denotam também a importância de experiências práticas com diferentes públicos durante a formação profissional.

Estrutura

Foram levantados problemas tanto de natureza física quanto organizacional, os quais no discurso dos sujeitos influenciam diretamente a inclusão de alunos com D.V. nos campeonatos escolares.

Sujeito III - Se forem em grupos de deficientes separados dos normais eu acho que daria para participar, agora junto... aí é difícil. Ah, porque (...) Bom, apesar que, eu trabalho na Prefeitura também, em duas escolas e lá a gente tem um campeonato e tem alunos deficientes físicos participando, deu certo. Agora visuais, eu já tive alunos com problemas visuais foi difícil na aula de Educação Física eu ter que adaptar as coisas para ela fazer, uma bola com guizo, essas coisas que você tem que ver na escola.

Sujeito IV - Olha para participar (...) não sei, teria que ter na Olimpíada Colegial um sistema de apoio, também uma adaptação pra os deficientes, (3) isso não tem né, até onde eu sei, nunca fiquei sabendo de nada, o que dá para incluir é o deficiente é o (...) auditivo, algum deficiente físico, da para você incluir (...) mas com o deficiente visual eu não vejo a participação nos jogos porque não tem como né, não teria, por exemplo, pra jogar futebol teria que ter aquela bola com o sininho dentro para ele se orientar e não tem (...) Pode ter nas escolas estaduais em cada escola vamos dizer assim 2, 2 ou 3 no máximo, então não teria como você montar uma turma para participação, teria que ter um grupo grande, pra montar e fazer um trabalho com eles para montar e poder levar e no momento do jeito que está não vejo possibilidade de participação por isso.

Sujeito VII - Como eu te falei. É (...) hoje, a participação de deficiente visual na Olimpíada equitativamente é inviável. Equitativamente, senão pode colocar o individuo deficiente visual dentro do regulamento, das exigências regulamentares, das regras das confederações e não é o que realmente essa clientela seja possível desenvolver qualquer participação equitativamente, nada impede que se faça uma comissão digna, quando eu falo digna, eu falo de pessoas especializadas nessa clientela e se faça uma proposta a nível da secretaria da educação através da secretaria da educação, para mim este é o meio, nada impede que se estenda a secretaria de esporte, lazer e turismo,

porque as duas tem parceria e incluída na resolução conjunta, mas que tenha uma atividade paralela (...)

Sujeito VIII - Eles poderiam trazer a contribuição desde que fossem adaptados nos moldes que se encontram hoje sem nenhuma adaptação acho que o que traria seria mais prejuízo do que benefícios para os deficientes, né, porque eles precisam de alguma adaptação para eles participarem, enquanto que o que acontece eles estão adaptados somente para as pessoas que podem ver alguma coisa.

A adaptação nos discursos é vista como algo que surge somente para que se atenda a pessoa com deficiência sem considerar a nova realidade que a escola inclusiva denota. As adaptações são sugeridas de formas específicas às deficiências e não buscando contemplar um novo meio que se configura através da participação do aluno com deficiência visual.

A participação e as contribuições da prática são vistas sobre o prisma de um trabalho específico à pessoa com deficiência, remetendo-se a ações integrativas e não inclusivas.

Foi apontada também a baixa demanda, porém deve-se lembrar que o número de alunos com deficiência visual matriculados em classes comuns da rede pública de ensino, segundo dados do MEC, vêm crescendo. O problema hoje é saber em quais escolas/ níveis de ensino estes alunos se encontram.

O aluno com deficiência

A marca fundamental deste aspecto parece revelar uma forma de enxergar a pessoa com deficiência ainda perante um ideário pautado no modelo médico de deficiência, preconizando as limitações e a integração destes indivíduos.

Sujeito I - Sim, primeiramente o aluno deficiente é uma pessoa comum, tá, ele é uma pessoa normal, claro que tem seus problemas limitados, mas ele pode tranqüilamente participar do campeonato colegial, tá. (...) então, isso, isso quer dizer que você consegue realmente fazer dos alunos com deficiência a ser um aluno normal, uma criança, um adolescente normal dentro dos colegas, tá.

Sujeito II – Olha, sinceramente, contribuição traz, porque a pessoa as vezes eu acho, assim, eu nunca fui deficiente, eu tento me colocar no lugar deles, então eu acho que ele já se sente excluído ali (...)

Sujeito VIII - A participação seria muito interessante e muito boa para os alunos que não tem nenhuma deficiência e também importantes para os portadores de deficiência, mas pela falta de adaptação e como é uma

competição e que eles buscam a vitória então eles não vão relevar a deficiência desse portador e ele pode até se machucar, seria importante a participação, mas como são as de pessoas tidas normais acho que seriam prejudicados nessa parte, porque eles teriam uma deficiência enquanto os outros não teriam e eles iriam passar por cima dessa deficiência para buscar a vitória.

As declarações apresentam preocupações voltadas à adaptação dos alunos com deficiência ao meio e ao modo como a presença destes afetará este meio. Desta forma, os olhares voltam-se às limitações que os alunos com deficiência apresentam ao se relacionar com o meio e não às potencialidades deste aluno e às possibilidades de acomodação do meio e dos envolvidos nele à nova situação.

Diante deste aspecto ressalta-se ainda um único discurso que denota a padronização imposta pelo ensino tradicional, no qual as diferenças são ignoradas em prol da enganosa maioria.

Sujeito II - (...) pela quantidade de alunos que tem dentro da sala de aula não tem como você fazer um trabalho só pra aquele, só pra dois ou três alunos aí você excluí o resto da sala e a gente tem que trabalhar sempre com a maioria com mais e você tenta levar sempre a maioria da sala e você deixa uns pra trás até mesmo os bons demais ficam um pouco pra trás porque você não consegue avançar com eles, então você tem que segurar um pouco para quem está lá atrás, então tudo o que a gente faz tem, a gente tem que tentar fazer o melhor para estar trazendo essas pessoas (...)

De forma geral, os sujeitos admitem que os campeonatos escolares podem trazer contribuições ao aluno com deficiência visual, porém não esclarecem quais seriam estas, bem como, deixam transparecer dúvidas quanto ao seu papel e desempenho diante da inclusão destes alunos.

Quanto à participação, o discurso está pautado nas limitações do ambiente e dos profissionais envolvidos. As respostas denotam resquícios do ideal de integração, no qual os alunos com deficiência habitam o mesmo ambiente, mas não participam das mesmas atividades.

Discussão

Os dados demonstram que apesar dos esforços da Secretaria de Educação Especial em proporcionar ações de formação continuada para atuação na escola inclusiva aos professores de educação física escolar, e ao fato de que muitas escolas de educação superior já oferecerem em seus currículos disciplinas que contemplem a educação física adaptada, são muitas as dúvidas dos professores de educação física ao se depararem com classes inclusivas.

A Educação Física vem, ao longo destas últimas décadas no Brasil, desconstruindo antigos ideários em prol da construção de uma área de conhecimento voltada às necessidades globais dos indivíduos e de sua interação em sociedade. Fazem parte deste processo as novas teorias da educação física escolar e também os conhecimentos produzidos em busca do atendimento às pessoas com deficiência.

Todas as teorias desenvolvidas neste período, de diferentes formas, trabalham com os mesmos conhecimentos, ou seja, aqueles historicamente gerados pela área, porém de diferentes formas buscando não mais atender aos sistemas de governo, mas sim aos interesses dos alunos.

O currículo inclusivo não se diferencia em conteúdos; os mesmos conhecimentos historicamente gerados podem e devem ser trabalhados, mas compreendendo técnicas, formas de organização e adaptações específicas (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Num programa voltado à inclusão, é necessário investir na metodologia e nas estratégias de ensino-aprendizagem, conferindo um tratamento pedagógico adequado às atividades ministradas e onde se contemplem as necessidades do grupo com quem se trabalha (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Ao elaborar um programa de atividades para atender em um mesmo ambiente pessoas com e sem deficiências, o professor deve examinar e investigar as circunstâncias relativas aos indivíduos que compõem seu grupo. É imprescindível conhecer as preferências e experiências anteriores de ambas as partes, buscando metas e interesses em comum (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

Desta forma, o professor deverá abandonar os valores da escola tradicional. O indivíduo será visto em suas potencialidades e não mais como algo abstrato, o foco da educação estará no processo e não no produto a ser alcançado, a proposta pedagógica volta-se à diversidade

encontrada no grupo e não à uniformização, e assim, o currículo estará sempre em construção e não já construído (RODRIGUES, 2001).

Neste contexto é evidente a necessidade de criação de novos conhecimentos emergentes do novo contingente social encontrado nas escolas inclusivas, os quais devem ser dirigidos e adequados a nova configuração das classes inclusivas, considerando a diversidade cultural, social, etc. (CARMO, 2006).

Neste ponto, encontra-se outro aspecto levantado pelos dados do estudo. A adaptação foi o primeiro passo em busca da inserção das pessoas com deficiência em atividades motoras. A preocupação estava voltada em como levar a estas pessoas os conhecimentos historicamente construídos pela Educação Física, principalmente os esportes, a este grupo (CARMO, 2002).

O acesso às diferentes ordens de conhecimento é garantido por lei às pessoas com deficiência, e muitas vezes algumas atividades só são acessíveis a estes através de adaptações.

O processo de adaptação é contínuo, dinâmico e recíproco e consiste na articulação de variáveis em busca das metas desejadas (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

As adaptações podem ser de diferentes ordens: nos equipamentos; nos sistemas de informação e comunicação; no ambiente físico e nas regras. Estas são utilizadas conforme a necessidade de cada grupo (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

As adaptações foram e são necessárias à transmissão dos conhecimentos já consolidados. Estas também abrem espaços para a descoberta das potencialidades da pessoa com deficiência, o que pode estimular o desenvolvimento de novos conhecimentos que trabalhem com o potencial dos grupos formados na diversidade.

Este contexto permite que o professor explore a adaptação de variáveis para transmitir os conhecimentos já consolidados, mas também exige do mesmo que volte seu olhar às possibilidades do grupo que trabalha e busque desenvolver com o este grupo novas atividades que partam do conhecido e aflorem as potencialidades na diversidade.

O último aspecto destacado do discurso dos sujeitos trata do modo como estes enxergam o aluno com deficiência. A análise demonstra que o discurso destes professores ainda está pautado por ideais constituintes do movimento de integração.

Segundo Sasaki (1997) o modelo integrativo preconizava que a pessoa com deficiência seria integrada à sociedade, desde que fosse capaz de moldar-se aos requisitos dos serviços especiais; acompanhar procedimentos tradicionais; lidar com atitudes resultantes de estereótipos, preconceitos e estigmas; desempenhar papéis sociais individualmente com autonomia, mas não necessariamente com independência. E a sociedade em contrapartida não precisaria modificar-se em nada para recebê-los.

Nesta perspectiva, a inserção da pessoa com deficiência é baseada no princípio de normalização, o qual propõe que todo indivíduo tem direito de vivenciar um estilo de vida padrão ou comum a sua cultura, em detrimento de adequar seus serviços e atendimentos às necessidades das pessoas com deficiência. Desta forma, passou-se a impor um padrão de vida, no qual a deficiência é entendida como um déficit a ser superado (MÜNSTER, ALMEIDA, 2006).

As práticas sociais inclusivistas preconizam um movimento bilateral, no qual as pessoas com deficiência e a sociedade visam uma meta comum.

A inclusão social constitui-se em um processo de preparo mútuo, no qual a sociedade se adapta para atender em seus sistemas sociais gerais pessoas com deficiências e simultaneamente as pessoas nestas condições se preparam para assumir seus papéis na sociedade (SASSAKI, 1997).

Os discursos analisados denotam a preocupação com ideais voltados à padronização de um estilo de vida e às atividades que contemplem uma maioria que talvez apresente características comuns, em detrimento de atividades que explorem a diversidade de potencialidades existentes em uma sala inclusiva.

As comunidades humanas em geral consideram “normal” o que é semelhante, conhecido e previsível, remetendo à margem da sociedade o que é diferente, desconhecido e imprevisível (RODRIGUES, 2001).

Todos os seres humanos são diferentes e desiguais, porque possuem naturezas biológicas diferentes e são socialmente desiguais (CARMO, 2002).

O reconhecimento por parte dos professores da diversidade que compõe classes formadas por alunos com e sem deficiência acaba por eliminar o conceito das classes homogêneas, nas quais todas as crianças deveriam ser “iguais”, abrindo espaço para as potencialidades que afloram da diversidade e para a descoberta de importantes fatores ao progresso educacional.

Considerações finais

Os resultados deste estudo demonstram que a realidade da escola hoje está longe de se encaixar nos ideais inclusivistas; o demonstrado é a transição entre os princípios de integração para os de inclusão. Esta transição acarreta inúmeras dúvidas aos professores, principalmente aqueles que concluíram sua formação antes mesmo destes ideais chegarem às universidades.

Ao voltar o olhar para o indivíduo e não para o produto criaram-se novas demandas para educação, necessitando novas pedagogias, métodos, conhecimentos e conteúdos. E este estudo demonstrou a importância de investimento na formação básica e continuada dos professores de E.F..

As discussões desenvolvidas para E.F. Escolar e para a E.F. voltadas às pessoas com deficiência, principalmente após a década de 1980, contribuíram significativamente para a reestruturação da E.F., porém muitas vezes os professores que atuam na rede de ensino não tiveram acesso a estas discussões durante sua formação de base ou apresentam dificuldade de articulação entre os conhecimentos teóricos e suas práticas.

Esta mudança de foco proposta pelas discussões relacionadas a E. F. escolar e a E.F. voltada às pessoas com deficiência demanda a reciclagem de conhecimentos por parte dos professores, não só em conteúdos técnicos, como as regras dos esportes, mas em termos globais (cognitivos, motores, sociais, psicológicos etc), e isto não só para atuar na escola, seja ela inclusiva ou não, mas também para atuar em clubes, praças de esportes, etc.

O ser humano deve ser visto em sua complexidade pelos professores e deve ter suas necessidades reconhecidas e respeitadas, seja o indivíduo idoso ou jovem, negro ou branco, com deficiência ou não.

Nesta perspectiva, a formação profissional em Educação Física deve ser articulada de forma a aproximar os conteúdos teóricos à prática, levando o aluno ao exercício de articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos para que ele possa buscar em suas experiências e conhecimentos ferramentas pedagógicas para atuar com qualidade em uma sociedade composta na diversidade.

Todo cidadão tem direito ao contato com os conhecimentos historicamente construídos pela Educação Física, como o esporte, as ginásticas, lutas, etc., podendo dispor de ferramentas pedagógicas diversas para isso, como a adaptação.

Independente do momento histórico em que um conhecimento é concebido e dos valores que são agregados a ele neste momento, este se torna patrimônio cultural, sendo parte do contexto social onde o ser humano circula. Mesmo não sendo praticado por um ou outro indivíduo, o conhecimento enquanto patrimônio cultural faz parte da história de qualquer um deles.

Não há como um brasileiro negar em suas raízes o futebol como um conhecimento próprio de sua cultura, tendo praticado ou não ele faz parte da cultura de uma nação. Desta forma, necessitando ou não de adaptações pedagógicas ou estruturais todo cidadão tem direito ao acesso aos conhecimentos pertencentes ao patrimônio cultural da sociedade a qual pertence.

Em relação à pessoa/ criança com deficiência a Educação Física Adaptada fez e faz isso com grande destreza, porém é de extrema urgência que professores e pesquisadores comecem a olhar para as novas possibilidades dentro do contexto que o trabalho simultâneo com pessoas diferentes e desiguais gera para a criação de novas e diferentes estratégias pedagógicas.

Nesse sentido o desafio da inclusão não está simplesmente na capacitação “técnica” de professores para atuar com a pessoa/criança com deficiência, mas sim sobre a articulação dos conhecimentos desenvolvidos sobre todos os aspectos da Educação Física, tal como os produzidos pela Educação Física Adaptada ou as teorias pedagógicas idealizadas para Educação Física Escolar, para oferecer uma educação de qualidade a todos os alunos.

É necessário abrir espaço para o surgimento de novos conhecimentos e conteúdos frutos da compreensão e cooperação com os potenciais dos diferentes alunos e das diferentes teorias.

Pensar, portanto, em Educação Física de qualidade para todos os alunos, é pensá-la, inclusive, como fruto da parceria entre as teorias da Educação Física voltada às pessoas com deficiência e da Educação Física Escolar.

É preciso assegurar que, no processo de formação de recursos humanos, cujo principal veículo é a universidade, as questões relacionadas à nova demanda decorrente da realidade imposta pela inclusão nas escolas sejam cada vez mais abordadas, de forma a aprimorar

sua abordagem dentro da Educação Física, levando os profissionais da área a articular seus conhecimentos não para o atendimento isolado dos diferentes grupos, mas para atender com qualidade o grupo de diversidade formado na educação inclusiva.

Capítulo/ Artigo III

**Esporte Educacional e Deficiência: o modelo
esportivo para esta interação**

A prática do esporte é cada vez mais difundida na sociedade contemporânea, sendo praticada em seus diversos contextos (saúde, educação, lazer, profissional etc) e por seus diferentes personagens (atletas, idosos, crianças, deficientes etc) em qualquer parte do mundo. Trata-se de um importante elemento na busca por melhorias na qualidade de vida, podendo trazer como conseqüências a quem pratica, melhorias na condição física e em suas relações sociais.

Dentro destes contextos e personagens o movimento inclusivo traz à tona as necessidades de um público específico, antes esquecido: as pessoas com deficiência. A produção científica após a aparição deste ideário busca novas perspectivas para o desenvolvimento de trabalhos coerentes às necessidades deste público específico. No campo da Educação Física e do esporte não é diferente.

O Fenômeno Esporte

O esporte é, segundo Bento (2004), um fenômeno antropológico, com pluralidade de sentidos e formas de expressão.

O mesmo autor denomina o esporte como “um conjunto de técnicas corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por metas, intencionalidades e valorizações sociais”, de maneira que cada modalidade esportiva trata e enfatiza o corpo⁹ de uma forma própria, ditado pelo código de regras e pela estrutura das exigências, e também o corpo esportivo pode ser instrumentalizado para diferentes e contraditórias finalidades (BENTO, 2006, p.18).

Segundo Santana (2005) o esporte é educacional independente da esfera em que se manifeste. A educação tem caráter permanente, não se pode fugir dela; portanto, não apenas o esporte desenvolvido na escola educa, mas também as suas outras manifestações.

Atualmente, o esporte tem cada vez mais tomado espaço na vida das pessoas. A repercussão dos eventos esportivos freqüentemente divulgados pelos meios de comunicação, a identificação com ídolos, entre outros fatores, fazem com que o número de crianças que inicia a prática do esporte em idades tenras aumente significativamente.

⁹ O corpo é entendido pelo autor como um conceito e artefato cultural, que se torna corpo com as aprendizagens, influências e modos de socialização exercidos sobre ele.

Dentre os diferentes sentidos e formas de expressões do esporte, destacamos em nosso estudo sua dimensão escolar. No Brasil, o direito ao esporte em suas diferentes dimensões é garantido pela legislação.

O direito à prática esportiva é assegurado a todo e qualquer cidadão pela própria constituição brasileira. No título III da Ordem Social, capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, seção III do Desporto dispõe sobre o direito de todos às práticas esportivas e o dever do estado em fomentá-las. O inciso II trata especificamente do esporte educacional estipulando “a destinação de recursos públicos para promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento” (BRASIL, 2007e, p.42).

Segundo a Lei Pelé nº 9.615/ 98, capítulo II, artigo 2º o desporto em nosso país é reconhecido em três manifestações diferentes: desporto de rendimento, participação e educacional. Sendo disposto que o desporto educacional deve ser:

(...) praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer (BRASIL, 2007d, p.01).

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB 9.394/96) também reserva espaço para determinações acerca do esporte educacional, dispondo no artigo 27, inciso IV que a promoção do desporto educacional é parte integrante dos conteúdos do currículo da educação básica neste país (BRASIL, 2007c).

Pedagogia do Esporte e o Esporte Educacional

Discorreremos aqui sobre a pedagogia do esporte segundo a perspectiva de Santana (2005), na qual o esporte e a educação são vistos como fenômenos indissociáveis. Neste contexto a prática do esporte é vista sob a perspectiva da complexidade, não podendo restringir-se apenas à busca de um modelo ou padrões de movimentos, mas sim comprometida com as interações e interferências estabelecidas entre o todo que envolve a prática esportiva em suas diferentes dimensões: educação, participação e rendimento (SANTANA; 2005).

A pedagogia do esporte que se baseia em uma perspectiva simplista, educa as crianças mais para a execução de metas pré-estabelecidas de treinamento do que para conquista

de sua autonomia, para a descoberta de si mesma, provocando um desequilíbrio entre o racional e o sensível. Ignorando o todo em detrimento das partes, o paradigma da complexidade “sabe que o todo é maior que a soma das partes, que reconhece a relevância de se conhecer as partes, mas à medida que isso auxilia na compreensão e diálogo com o todo” (SANTANA; 2005, p.3).

É reduzir ao ínfimo de suas potencialidades resumir a pedagogia do esporte na infância ao cumprimento de metas e padronizações que buscam a especialização esportiva para uma performance futura de rendimento (SANTANA; 2005).

Esta posta, Santana (2005) em seu estudo define de forma exemplar a tarefa da pedagogia do esporte comprometida com a complexidade do fenômeno. Em suas palavras:

(...) a pedagogia do esporte deve cultivar um modo de pensar e agir comprometido com a condição humana das pessoas. Isso não exclui desenvolver as capacidades e ensinar as habilidades. Vai além: a tarefa da pedagogia é de favorecer o bem-estar das pessoas e sua vida social (SANTANA, 2005, p.10).

À luz do paradigma da complexidade, a iniciação esportiva é responsável por desenvolver capacidades motoras e educar para autonomia, para ensinar as habilidades específicas e táticas e para despertar o interesse das crianças para a prática esportiva e introduzir a cultura de lazer esportivo (SANTANA; 2005), ou seja, aprender também numa perspectiva sócio-cultural.

A maneira como ensinar esporte é pensada em diferentes ramos da sociedade, porém encontra dificuldade em sair desta visão reducionista. A escola, neste sentido, tem tido dificuldades em produzir o esporte escolar numa perspectiva mais ampla e não apenas reproduzindo os moldes de clubes e federações, perpetuando a segregação, a triagem de talentos em busca de novos atletas (FREIRE, 1996).

Segundo Freire (1996) apenas uma metodologia de ensino preocupada tanto com a atividade interna da pessoa quanto com as condições ambientais, pode dispor de uma educação desportiva integrada, em seus aspectos técnicos e sociais, propondo assim, a compreensão por parte do aluno de sua própria ação, fazendo-o exercitar a crítica sobre o que está sendo realizado e não ditando o que é certo ou errado.

Nas palavras de Freire (1996, p.83): “Acredito que esporte educacional seja a prática que invista exclusivamente no desenvolvimento da autonomia. E acredito que essa autonomia nasce da compreensão que o aluno possa vir a ter sobre sua prática.”

Pensando ainda na formação para autonomia e em um esporte educacional preocupado com a cidadania, Paes (1996) aponta que este deve basear-se numa diversificação de movimentos e modalidades, buscando ampliar o repertório motor das crianças, proporcionando o conhecimento do esporte em sua abrangência e, assim, uma prática crítica e com reflexão.

Paes (1996) propõe, ainda para o esporte educacional, uma pedagogia do esporte onde se utilize como principal recurso o jogo possível definido por ele “como qualquer variação de jogo e algumas adaptações de brincadeiras”, proporcionando, de forma lúdica, o conhecimento por parte dos alunos para a multiplicidade do fenômeno esporte (PAES, 1996, p.85).

Uma proposta pedagógica deve estar comprometida com a modalidade a ser ensinada, com o cenário onde ocorre, com os personagens e os significados que a envolvem. Desta forma, a proposta deve proporcionar o trabalho dos aspectos técnicos das modalidades e também intervir nos aspectos ligados a valores e a modos de comportamento (PAES, 2002).

Todas as práticas escolares devem ser desenvolvidas dentro de uma mesma proposta pedagógica, sejam elas pertencentes ao currículo ou à atividades extracurriculares. Sendo assim, os encontros esportivos no ambiente escolar devem comprometer-se com uma formação para autonomia.

O esporte adaptado

Desde os séculos XVIII e XIX as atividades esportivas são importantes auxiliares na reeducação e reabilitação de pessoas com deficiência. Após a primeira guerra mundial, as atuações em fisioterapia e medicina do esporte começaram a ganhar espaço nos tratamentos dos veteranos de guerra (INTERNATIONAL, 2007).

O esporte adaptado nos moldes que conhecemos hoje tem seu início no final do século XIX, sendo impulsionado após a segunda guerra mundial.

Os atletas surdos foram as primeiras pessoas com deficiência a entrarem no cenário esportivo. As primeiras instituições esportivas para surdos surgiram em 1888 em Berlim, sendo em 1922 fundada a organização mundial de esportes para surdos, a qual organiza os jogos para surdos até hoje, a chamada Deaflympic (INTERNATIONAL, 2007).

O esporte para pessoas com deficiência física foi introduzido nos programas de assistência médica e psicológica, logo após a segunda guerra mundial, para auxiliar no

atendimento das necessidades do grande número de soldados e civis feridos em guerra, buscando métodos para minimizar as conseqüências da imobilidade apresentada por estes, o que criou a oportunidade destas pessoas reviverem a idéia do esporte e também deu um novo sentido à reabilitação (INTERNATIONAL, 2007).

Dr. Ludwig Guttman, durante o século XX na Inglaterra, foi o responsável por introduzir a prática esportiva como parte integral do programa de reabilitação dos veteranos de guerra, no Centro de tratamento para Lesados Medulares de Stoke Mandeville (WINNICK, 1990).

A primeira competição para pessoas com deficiência foi realizada em 1948 pelo Dr. Guttman, contemplando apenas atletas cadeirantes. Esta competição foi nomeada Jogos de Stoke Mandeville, e em conseqüência deste trabalho em 1952 foi criado o Comitê Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville (INTERNATIONAL, 2007).

Em 1960 aconteceram os primeiros Jogos Paraolímpicos na seqüência das Olimpíadas em Roma, Itália; porém, somente em 2001 o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) assinaram um acordo que torna obrigatória a realização das Paraolimpíadas na mesma cidade que sediar as Olimpíadas, até 2012 (INTERNATIONAL, 2007).

A inclusão de atletas com outras deficiências foi possibilitada após a criação em 1964 da Organização Internacional de Esporte para Deficientes (ISOD), fruto do movimento originado em 1960 pela Federação Internacional de ex-soldados, para ampliação de estudos sobre a prática esportiva para pessoas com deficiência. Somente em 1989, na Alemanha, foi fundado o IPC, reunindo diferentes associações internacionais ligadas ao desporto para pessoas com deficiência (INTERNATIONAL, 2007).

No Brasil, o esporte para pessoas com deficiência nasce em 1958, com a criação de dois clubes para deficientes físicos, o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro idealizado por Robson de Almeida e o Clube dos Paraplégicos em São Paulo idealizado por Sergio Del Grande, e ambos os idealizadores eram paraplégicos e retornavam de tratamentos desenvolvidos nos Estados Unidos (COMITÊ, 2007).

A expansão do esporte voltado a este público deu-se pela criação de diferentes associações regionais e nacionais, organizadas por tipo de deficiência e não por modalidade esportiva (STEFANE et al, 2005).

Após a participação brasileira nos Jogos Parapanamericanos do México, é criada em 1975 a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), que aglutinou as cinco maiores associações nacionais não governamentais de atendimento especializado às diferentes deficiências (STEFANE et al, 2005).

A criação em 1990 do Departamento de Pessoas Portadoras de Deficiência na Secretaria dos Desportos, através da Lei 8.028, seção II, artigo 14, parágrafo IV, representou o passo inicial do governo brasileiro para resgatar a participação de pessoas com deficiência nas atividades esportivas. Esta secretaria dispõe por todos os estudos, organizações e supervisão que envolve o desenvolvimento do desporto no país (STEFANE et al, 2005).

Em 1995 é fundado o Comitê Paraolímpico Brasileiro com sede na cidade de Niterói no Rio de Janeiro, passando este a ser o órgão responsável pela organização de eventos paraolímpicos nacionais para o desenvolvimento do esporte adaptado no país (COMITÊ, 2007).

Tendo em vista as necessidades inerentes ao processo de inclusão e as contribuições que a prática esportiva e o convívio social trazem às pessoas com deficiência, fica evidente a necessidade de estudos que pesquisem aspectos relacionados às oportunidades de contato com práticas corporais e esportivas oferecidas às pessoas com deficiência desde a infância.

Desta forma, este trabalho objetivou num primeiro momento levantar e analisar as propostas pedagógicas do ensino do esporte às pessoas com deficiência no contexto escolar. A busca foi focada nos campeonatos propostos a este contexto que contemplassem a participação de alunos com deficiência.

Nesta perspectiva, este estudo objetivou analisar o modelo de campeonato idealizado para o ambiente escolar pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), buscando compreender as relações pedagógicas que o compõem, para contribuir com as discussões acerca da pedagogia do esporte para as pessoas com deficiência.

Método

Procedimentos

Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizada a técnica de abordagem de dados qualitativos denominada análise documental.

A análise documental procura identificar nos documentos informações factuais a partir de questões ou hipóteses de interesse (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

Pode-se considerar documento qualquer material escrito pelo qual obtenha-se informações sobre o comportamento humano (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

Os documentos utilizados no estudo enquadram-se no tipo técnico, e são compostos por cinco livros-texto do projeto Paraolímpicos do Futuro, sendo estes as cartilhas de introdução e dos esportes abordados na última edição dos jogos – natação, tênis de mesa, atletismo e goallball; a carta de apresentação do projeto; os regulamentos e boletins da edição 2007 do Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico.

Os locais de aquisição dos documentos foram: o host site do projeto Paraolímpicos do Futuro; o site do CPB e documentos impressos adquiridos através de participantes do projeto e durante a segunda edição do campeonato.

Método de Análise

Os dados levantados foram analisados através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002). Esta técnica de investigação permite a leitura e interpretação de conteúdos de ilimitadas classes de conhecimentos, partindo de uma descrição objetiva e sistemática dos conteúdos, manifesto das comunicações (MYNAYO, 1993).

Dentre o conjunto de técnicas da análise de conteúdo foi utilizada para análise dos dados deste estudo a análise categorial, a qual funciona por desmembramento dos textos em unidades ou categorias (BARDIN, 2002).

A unidade de registro utilizada foi o tema. A unidade de registro corresponde ao segmento de conteúdo considerado como unidade base para categorização (BARDIN, 2002).

As categorias são agrupamentos realizados em função de características comuns de seus elementos, constituindo-se assim em classes, nas quais reúnem-se elementos como as unidades de registro para a análise de conteúdo (BARDIN, 2002).

Resultados

Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico

A idealização do referido campeonato pelo CPB foi impulsionada pela Lei nº 10.264, conhecida como Agnelo/Piva, sancionada em 16 de julho de 2001. A referida lei dispõe sobre o repasse de 2% da verba das loterias federais às federações esportivas brasileiras. Do total deste repasse 15% destina-se ao CPB, que deverá investir 10% de seu montante no desporto escolar (BRASIL, 2008).

Tendo em vista as exigências da Lei Agnelo/Piva, a organização do CPB em 2006 cria o Projeto Paraolímpicos do Futuro, buscando contemplar a dimensão escolar do esporte, sendo o Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico uma das ações componentes deste projeto maior.

O projeto foi desenvolvido para ser aplicado em âmbito nacional pelos professores de Educação Física da rede formal de ensino da rede pública e particular, e o campeonato abrange alunos com deficiência visual, física ou mental, na faixa etária de 12 a 17 anos.

Para o alcance dos objetivos deste estudo foram utilizados como objeto de estudo tanto documentos específicos ao campeonato como documentos que configuram a composição do projeto maior, pois o campeonato é entendido como uma das ações resultantes do projeto e não como uma ação isolada, passando-se assim a ser analisada no estudo a proposta geral do projeto Paraolímpicos do Futuro.

Através da leitura e análise destes documentos criou-se as categorias e subcategorias abaixo apresentadas, de forma a compor as bases ideológicas do projeto em relação às ações pedagógicas e à pedagogia do esporte.

✓ Objetivos do projeto

- Massificação dos esportes paraolímpicos entre os alunos com deficiência;
- Consolidação do movimento paraolímpico;
- Renovação dos atletas do movimento paraolímpico;
- Meio para inclusão.

O projeto aqui analisado foi idealizado pelo CPB e se desenvolve diante da responsabilidade deste órgão em desenvolver e consolidar o desporto de alto rendimento para pessoas com deficiência no Brasil.

Segundo a cartilha de introdução, “o projeto tem como objetivos divulgar o movimento paraolímpico, oportunizar e facilitar a implantação, em abrangência nacional, da prática do esporte para pessoas com deficiência a partir das escolas de ensino fundamental e médio, das redes pública e privada” (CONDE, SOBRINHO, SENATORE, 2006, p.9).

As duas edições do Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico foram realizadas como fechamento do ano de ação do projeto Paraolímpicos do Futuro. A competição dentro desta perspectiva foi criada para atender aos objetivos do projeto, além de seus objetivos específicos.

Segundo a apostila de introdução ao projeto Paraolímpico do Futuro “a competição possibilitará a criação de ranking dos jovens atletas, que poderão pleitear, em 2007, a Bolsa-Atleta” (CONDE, SOBRINHO, SENATORE, 2006, p.7).

O projeto, assim como o campeonato, tem o objetivo primeiro de propagar o conhecimento sobre o esporte para pessoas com deficiência, com intenção de fortalecer e dar continuidade ao movimento paraolímpico.

Com a perspectiva de buscar o alto rendimento esportivo, o movimento paraolímpico tem alcançado resultados expressivos no cenário mundial, porém começa a perceber a necessidade de renovação de seu quadro de atletas.

Em 2005 começamos a vivenciar mais um ciclo paraolímpico que se estenderá até Pequim-2008. Sem traumas e angústias sabemos que alguns dos nossos heróis, dentro de uma lógica natural da vida, já começam a sentir o peso dos anos e deverão, em algum tempo, estar cedendo seus lugares a novos campeões. É preciso que o trabalho de busca desses novos talentos seja constante e estruturado para garantir que o processo natural de renovação não seja interrompido (COMITÊ, 2006, p.2).

Desta forma a ação iniciada com este projeto tem seus olhares voltados às realizações futuras para o movimento paraolímpico, sendo um trabalho com perspectivas de médio a longo prazo para o movimento paraolímpico.

Através da análise dos documentos identificou-se também uma preocupação e uma tendência em tornar o esporte um meio para inclusão da pessoa com deficiência, quebrando-

se preconceitos por meio do esclarecimento do movimento paraolímpico, como também pela integração do campeonato paraolímpico aos campeonatos escolares já existentes.

✓ Modelo esportivo

- Continuidade do desporto Paraolímpico;
- Influência da visão médica da deficiência;
- Foco na aquisição de habilidades específicas às modalidades.

O modelo esportivo adotado pelo projeto tem suas bases no desporto paraolímpico, com raízes no desenvolvimento do desporto de alto-rendimento.

Nesta perspectiva, o material pedagógico foi desenvolvido com base nas especificidades relacionadas ao desenvolvimento das modalidades esportivas, não se aprofundando nos aspectos pedagógicos do ensino às pessoas.

A cartilha de introdução focou-se em esclarecer a trajetória do movimento paraolímpico, e para tanto ela explicita os aspectos legais sobre a prática de esporte voltada à pessoa com deficiência; os aspectos médicos de cada deficiência, suas causas e implicações no desenvolvimento do indivíduo; os aspectos pedagógicos do esporte, restritos às possíveis contribuições que este pode oferecer a quem o pratica e as considerações a respeito da deficiência visual.

As cartilhas esportivas abordam de forma sucinta as informações pertinentes à iniciação e ao treinamento em cada modalidade esportiva do movimento paraolímpico. São abordadas as classificações funcionais, as regras e as técnicas de execução, sendo citados métodos pedagógicos de ensino das modalidades apenas em algumas modalidades, como goalball e atletismo.

Os aspectos formativos do esporte, como os valores sociais, são citados como objetivos no regulamento dos jogos e na cartilha de introdução, porém não são abordados com profundidade nas cartilhas.

- ✓ Ações pedagógicas propostas pelo projeto
 - Mini curso de capacitação para os professores da rede;
 - Subsídio na identificação de alunos elegíveis para o movimento;
 - Palestras e debates promovidos durante a realização do campeonato.

O projeto propõe diferentes ações buscando sensibilização e capacitação dos dirigentes e profissionais de E.F. atuantes no sistema de ensino fundamental e médio, público ou privado do Brasil (COMITÊ, 2006).

Foram propostos nestes últimos dois anos seminários para professores da rede, em todo território brasileiro, em prol de capacitá-los nas modalidades esportivas paraolímpicas, bem como reciclar professores e técnicos já envolvidos no movimento.

Segundo a carta de apresentação do projeto estas ações deverão dar subsídios aos professores da rede para que identifiquem os alunos que são elegíveis para o movimento.

Durante o campeonato, edição de 2007, foi identificada apenas uma ação nestes moldes: realizou-se uma palestra introdutória à modalidade goalball, aberta a todos os professores/ técnicos participantes do evento, criando um espaço de debate e esclarecimento sobre as possibilidades desta modalidade.

- ✓ Modelo de campeonato
 - Competição nos moldes do desporto de alto rendimento;
 - Utilização das regras oficiais;
 - Vínculo com a escola, dado pela exigência da matrícula dos alunos/atletas em escolas da rede;
 - Formação de valores.

O Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico foi desenvolvido nos moldes das competições habitualmente desenvolvidas pelo CPB, não sofrendo alterações nas regras oficiais nem em sua estrutura técnica de organização.

Foram utilizados os mesmo sistemas de classificação e arbitragem do desporto de alto rendimento.

A convocação para participação deu-se de forma semelhante ao campeonato escolar da rede formal de ensino, ou seja, através das Secretarias de educação e esporte de cada estado; porém o vínculo com a escola era promovido apenas pela exigência da matrícula dos alunos/ atletas em escolas regulares, sendo que aos professores/ técnicos não se exigia a atuação em escolas regulares.

Ainda no regulamento dos jogos são citados objetivos e justificativas de atuação focados na formação de valores relacionados à cidadania, porém os outros documentos do projeto não abordam esta temática.

Discussão

O presente estudo se propôs a dialogar com a abordagem de esporte proposta pelo CPB ao contexto escolar à luz das teorias propostas pela área de conhecimento da EF para a Pedagogia do Esporte. Nestas perspectivas discutiremos o modelo apresentado.

O esporte é educacional em todas suas dimensões e manifestações, por ser um fenômeno carregado de valores sociais e culturais, porém ao ser idealizado para o contexto escolar deve-se levar em conta o papel da escola perante a sociedade e as implicações em tomar parte em sua estrutura.

O modelo apresentado foi desenvolvido dentro dos moldes que deram origem e desenvolveram o desporto para deficientes no Brasil. A pessoa com deficiência passou a ser vista de outra forma a partir das conquistas deste modelo, sendo valorizada e respeitada em suas diferenças e potencialidades.

Contudo, o contexto escolar necessita de ações que extrapolem a conquista de visibilidade perante a sociedade. Neste contexto é preciso um trabalho que dê base ao reconhecimento da pessoa com deficiência como ser humano complexo.

Neste sentido, as propostas de pedagogia do esporte, ou intervenções ao contexto escolar, devem ter seus objetivos focados nas contribuições que possam trazer ao contexto ao qual tomam parte (PAES, 2002).

Segundo Freire (1996) a simples reprodução no contexto escolar do modelo de clubes, em busca da descoberta de talentos esportivos, ou da manutenção do desporto nacional,

pouco contribui com a função maior da escola que é formar alunos autônomos, capazes de compreender o fenômeno esporte.

O movimento paraolímpico contribui expressivamente para a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade atual, mas nesta proposta demonstra distanciamento das questões relacionadas à inclusão na escola regular.

O desporto adaptado tem sua origem na reabilitação, progredindo para melhorias de performance motora e esportiva em busca da representatividade no cenário esportivo. O esporte educacional se desenvolve em outra perspectiva, distanciando-se da aquisição e reprodução de padrões motores, para se propor a educar para autodescoberta (SANTANA, 2005).

As discussões sobre a atividade motora voltada à pessoa com deficiência também vislumbram a prática para além da reprodução de um padrão motor ou de vida. Para tanto, Münster e Almeida (2006, p.83) ressaltam a necessidade da compreensão da deficiência pautar-se “não pela limitação, comprometimento ou falta de funcionalidade em um órgão ou segmento corporal, mas pelo potencial do indivíduo”.

O modelo aqui analisado pauta-se no modelo médico de deficiência, abordando em suas apostilas as defasagens motoras das diferentes deficiências, o que pode ser um divisor de águas num programa de especialização esportiva. Não que as informações médicas não sejam relevantes ao contexto escolar, porém um programa voltado à atuação escolar não deve limitar-se pelas defasagens e sim pelas potencialidades de seus alunos.

Mesmo após todas as discussões sobre as possibilidades educativas do esporte, seja pelos estudiosos de Pedagogia do Esporte ou Atividade motora Adaptada, é ainda precário o redimensionamento das manifestações esportivas aos diferentes contextos sócio culturais.

Segundo Korsakas e De Rose (2002) isso se deve menos às incompreensões conceituais a respeito do fenômeno esporte, do que à falta de aprofundamento nas inter-relações entre o significado de educação e esporte no âmbito pedagógico.

Levar a competição esportiva para crianças e adolescentes não implica em dizer que o processo esportivo deva subsidiar a formação de atletas, de construir uma concepção esportiva focada no rendimento, ou de assegurar o prestígio esportivo nacional, valorizando os mais aptos (MONTAGNER, SCAGLIA, SOUZA, 2001).

Existem preceitos pedagógicos na competição, como o prazer de sentir-se moralmente forte, de ultrapassar seus próprios limites, de superar obstáculos, que devem ser explorados nas intervenções voltadas às crianças e adolescentes (MONTAGNER, SCAGLIA, SOUZA, 2001).

São muitos os fatores que estimulam as críticas à competição esportiva, como os casos de doping, fraudes e vitórias manipuladas, fatores estes que ferem o ideal de fair-play.

Segundo Montagner, Scaglia e Souza (2001).

(...) generalizar e aplicar a competição esportiva para crianças e jovens baseando-se no sistema esportivo, nos moldes da competição esportiva formal de adultos e suas transgressões, implica numa incompreensão das diferenças e possibilidades de intervenção pedagógica nos diferentes ambientes. Ao pensar em construir um conceito de “pedagogia da competição” para os esportes de crianças e jovens, estamos buscando construir um pensamento em torno de maximizar os aspectos positivos da competição esportiva e minimizar os sinais negativos que certamente existem e constantemente são combatidos por autores que sugerem a extinção da competição no esporte, como se fosse possível conviver sem essa interação natural. (MONTAGNER, SCAGLIA, SOUZA, 2001, p.3).

Considerações Finais

Tendo em vista as ações voltadas ao contexto escolar, é urgente que o profissional de Educação Física atuante em qualquer âmbito desta vislumbre o esporte como um fenômeno social e cultural rompendo, assim, com a perspectiva única do rendimento.

Sendo o esporte um fenômeno de natureza educacional em suas diferentes dimensões e manifestações, resta ao profissional definir em qual direção deseja educar: numa perspectiva voltada ao rendimento e à valorização dos mais aptos ou numa direção centrada na busca da autonomia crítica do aluno e na compreensão do fenômeno esporte pelo aluno.

O movimento Paraolímpico Brasileiro contribui expressivamente para que as pessoas com deficiência deixem de ser excluídas pela sociedade; porém, tratando-se de questões relativas à escola, não basta massificar os esportes e consolidar o movimento, há que se ter um compromisso com o papel da escola diante da sociedade.

A escola brasileira vive a transição entre os ideais de integração e inclusão, apresentando dificuldades em receber o aluno com deficiência e torná-lo parte de seu projeto pedagógico.

Muito se discutiu sobre a pedagogia do esporte voltada ao contexto escolar e a atividade motora voltada à pessoa com deficiência, porém são poucos os profissionais que articulam estes conhecimentos em prol de atender com qualidade seus alunos e contribuir assim para a transformação da educação neste país.

O Projeto Paraolímpicos do Futuro representa um salto em direção à consolidação da participação dos alunos com deficiência no projeto pedagógico das escolas. Atuar com propriedade nos aspectos pedagógicos e educacionais que envolvem o contexto escolar exige a exploração dos conhecimentos provenientes não só do Esporte Adaptado, mas da Pedagogia do Esporte e das teorias da atividade motora voltada ao modelo educacional de deficiência, explorando também as potencialidades deste público agora reconhecido e valorizado.

Considerações Finais

O modelo de campeonato analisado neste estudo é uma iniciativa de grande expressão na conquista de espaço e reconhecimento das pessoas com deficiência na sociedade, porém, distante de todas as discussões da Pedagogia do Esporte voltada ao contexto escolar.

Nesse sentido, representa um salto para a inclusão no cenário esportivo e macro-social e, simulataenamente, uma caminhada lenta ou até mesmo na contramão de tudo que já foi discutido sobre a relação esporte-escola.

Deve-se estar atento para não se reproduzir o que já foi feito, no âmbito do esporte escolar, e que já tiveram seus conceitos ultrapassados.

As discussões em torno da Pedagogia do Esporte contribuíram para a desconstrução da máxima da simples reprodução dos campeonatos profissionais na escola, sem estarem agregados aos propósitos da mesma.

Há necessidade de continuarmos fortalecendo as possibilidades de construção de um campeonato escolar comprometido com os aspectos pedagógicos do ensino e com o esporte, buscando transcender os moldes do esporte de rendimento e não simplesmente reproduzi-lo.

Falar de escola hoje, principalmente abordando pessoas com deficiência, é um assunto delicado. O ideário de inclusão foi adotado pela legislação brasileira com muito vigor, porém a escola demonstra estar despreparada para esta nova configuração, não só em relação a sua estrutura física, mas também, aos seus profissionais.

Este estudo demonstrou a grande fragilidade dos professores de E.F. em articular seus conhecimentos para atender a todos os alunos com qualidade, focando-se mais no “como” ensinar, do que no “porque” e no “o que ensinar”.

Preocupa-se mais com o “estar junto” do que com a qualidade do ensino que se propõe aos alunos com e sem deficiência. Uma escola de qualidade para todos não é aquela na qual todos realizam as mesmas atividades, mas sim aquela que identifica, respeita e atende às necessidades e expectativas de todos os alunos e das relações que os cercam.

Em alguns casos e momentos, individualizar o atendimento a ponto de separar os alunos pode ser necessário para que possamos atender aos interesses dos alunos, da escola e de toda estrutura que se possa somar para o desenvolvimento esperado em um contexto escolar moderno.

Muito se discutiu e se desenvolveu de conhecimento dentro dos ramos da Pedagogia do Esporte, da Educação Física Escolar e o do Esporte adaptado, mas pouco se mostra de diálogo entre estes quando abordamos iniciativas voltadas às pessoas com deficiência, como no caso deste estudo sobre o Projeto Paraolímpicos do Futuro.

As teorias da E.F. escolar e as voltadas às pessoas com deficiência, abrem possibilidades para um trabalho também voltado às diferentes necessidades dos alunos, porém são esquecidas nas práticas em prol de estratégias de ensino que respondam com eficácia aos objetivos imediatos.

A modernidade e a globalização abriram as portas para as diferenças, e estas devem ser valorizadas e devem gerar trocas de experiências e conhecimentos a fim de formar cidadãos conscientes de seus limites, responsabilidades e potencialidades.

Quando se fala em educação não se fala de resultados imediatos ou apenas quantificáveis, mas de trabalho em longo prazo e excelência em qualidade.

Desdobramentos

“O essencial é invisível aos olhos”

O pequeno príncipe
Antoine de Saint-Exupéry

Neste momento se finda não só a dissertação, mas o processo de mestrado como um todo. Processo este que teve o propósito de aprofundar a pesquisadora nas questões relativas a Educação Física e ao Esporte voltado às pessoas com deficiência.

Não distante deste propósito maior, os olhares da pesquisadora e de seu orientador acabaram se voltando também para as questões relacionadas à formação profissional

do professor de Educação Física, diante da atual demanda relacionada às novas concepções de Educação Física e Esporte, como também relacionadas à inclusão da pessoa com deficiência.

Sendo assim, mais que discutir a inclusão, este processo buscou levantar e discutir pontos pertinentes a formação de qualidade do profissional de Educação Física para atuar em qualquer contexto e com qualquer público. Pois seja atuando com pessoas com ou sem deficiência, na escola ou no clube, com treinamento ou iniciação, a concepção deste profissional em relação ao aluno (ser humano) e suas potencialidades deverá ser a mesma frente aos propósitos da Educação Física.

Neste momento serão explicitadas as considerações feitas durante este processo a respeito dos aspectos sobre os quais os pesquisadores se debruçaram. São eles: a formação profissional, a pedagogia do esporte e o papel da escola.

O percurso desenvolvido neste estudo deixou latente a deficiência do processo de formação profissional em E.F., onde os conhecimentos são desenvolvidos por um ramo e disseminados e utilizados apenas dentro deste mesmo ramo.

Um profissional bem preparado deve saber articular os conhecimentos adquiridos em sua formação inicial (graduação) para atuar dentro do ramo escolhido em sua profissão, buscando uma atualização constante. É preciso ter claro o propósito de sua atuação, definir o contexto no qual se vai atuar e reconhecer nas teorias e estratégias de ensino-aprendizagem quais poderão ser articuladas para uma atuação de qualidade.

Esse estudo demonstrou uma lacuna entre as áreas de atuação em Educação Física, de forma que os conhecimentos produzidos para atuação no contexto escolar não são vislumbrados por aqueles atuantes diretos com pessoas com deficiência e vice-versa.

A realidade atual exige profissionais articulados em diferentes ramos, profissionais que possam compreender e articular as congruências e divergências entre as teorias da Pedagogia do Esporte e das teorias da E.F. escolar, bem como dos conhecimentos pertinentes à Atividade motora Adaptada, seja para atuar na escola ou no trabalho de base esportivo.

A área de conhecimento Educação Física, de forma geral, possui elementos comuns, independente do ramo que se escolha para atuação ou do público que se objetiva atender. Dessa forma, o profissional de qualidade, ao idealizar um programa deve ter em mente as propostas acadêmicas desenvolvidas para os diferentes ramos.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.

BENTO, J. O. Do desporto. In. TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes**. Campinas, Ano XIX, nº 48, agosto, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 13 set. 2007a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dados da Educação Especial no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2007b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2007c.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei Pelé**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9615consol.htm>>. Acesso em: 27 abr 2007d.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 05 fev. 2007e.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei Agnelo/Piva 10.264/01**. Disponível em: <http://www.fiscosoft.com.br/main_online_frame.php?page=/index.php?PID=93951&key=1910350>. Acesso em: 01 jul 2008.

CARMO, A. A. Inclusão escolar e a Educação Física: que movimentos são estes? **Integração**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, ano 14 – Edição especial, p.06-13, 2002.

CARMO, A. A. Atividade motora adaptada e inclusão escolar: caminhos que não se cruzam. In. RODRIGUES, D. (Org). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p 51-61.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1998. p.225.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Editora McGRAW-HILL do Brasil, 1972. p.158.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e inclusão: considerações sobre a prática pedagógica na escola. **Integração**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, ano 14 – Edição especial, p 26-30, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1992. p.119.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. (Org). **Introdução ao movimento paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 72.

COMITÊ Paraolímpico Brasileiro. **Paraolímpicos do Futuro**: projeto de desenvolvimento do desporto paraolímpico em nível escolar. Brasília, 2006.

COMITÊ Paraolímpico Brasileiro. **História**. Disponível em: <www.cpb.org.br>. Acesso em: 24 maio. 2007.

CRAFT, D. H. Sensory Impairments. In WINNICK, J. P. (Org). **Adapted physical education and sport**. Illinois: Human Kinetics Books, 1990. p. 209-228.

CRUZ, G. C.. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente inclusivo**. 2005. 229f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2005.

DEPAUW, K. P. Physical education for visually impaired: a review of the literature. **Visual impairment & blindness**, p.162-163, April, 1981.

FARIA JÚNIOR, A. G. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: FARIA JÚNIOR, A. G.; FARINATTI, P. T. (Org.) **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física**: SBDEF – Sociedade Brasileira para o desenvolvimento da Educação Física. Livro do ano 1991. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992, p. 150.

FAZZI, E. et al. Gross motor development and reach on sound as critical tools for development of blind child. **Brain 7 development 24**. p.269-275, 2002.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997. p.224.

FREIRE, J. B. Esporte Educacional. In: BARBIERI César. A.; BITTAR, Ari F. et. al. (Org) **Esporte educacional**: uma proposta renovada. Recife, Universidade de Pernambuco - UPE-ESEF, MEE-INDESP, 1996.

GHILARD, R.. Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Revista Motriz**. São Paulo. V. 4, número 1. 1998.

HOPKINS, W. G. et al. Physical fitness of blind and sighted children. **European journal of applied physiology**. 65, p. 69-73, 1987.

INTERNATIONAL Paralympic Committee. **History of sport for persons with disability**. Disponível em: <www.paralympic.org>. Acesso em: 24 maio. 2007

KOBBERLING, G.; JANKOWSKI, L. W.; LEGER, L. The relationship between aerobic capacity and physical activity in blind and sighted adolescents. **Journal of visual impairment & blindness**. p. 382-384, November, 1991.

KORSAKAS, P.; DE ROSE, D. J. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, p. 83-93, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. p.160.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p.99.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria para uma proposta de sistematização na escola. **Revista Motus Corporis**. Rio de Janeiro, Vol.8, nº 2, novembro, 2001.

MORATO, Márcio P. **Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo estratégias tático-técnicas**. 2007. 2002f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)– Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

MÜNSTER, M. A. van, ALMEIDA, J. J. G. de. Atividade física e deficiência visual. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. da. (Org) **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri: Editora Manole, 2005. p.28-76.

MÜSTER, M. A. van; ALMEIDA, J. J. G. Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In.RODRIGUES, D. (Org). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p 81-91.

MYNAYO, M.C. De S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA FILHO, C. W.; ALMEIDA, J. J. G. de. Pedagogia do esporte: um enfoque para pessoas com deficiência visual. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Org) **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Campinas: Guanabara Koogan, 2005. p. 91-110.

PAES, R. R. Esporte Educacional. In: BARBIERI César. A.; BITTAR, Ari F. et. al. (Orgs.) **Esporte educacional: uma proposta renovada**. Recife, Universidade de Pernambuco - UPE-ESEF, MEE-INDESP, 1996.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artimed Editora, 2002.

PADILHA, S. M. A.; FREITAS, S. N. A instituição especializada no cenário da Educação Inclusiva: o contexto brasileiro. In: FREITAS, S. N.; RODRIGUES, D.; KREBS, R. (Org) **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

PONCHILLIA, P. E.; STRAUSE, B.; PONCHILLIA, S. V. Athletes with visual impairments: attributes and sports participation. **Journal of visual impairment & blindness**, p.267-272, April, 2002.

RANGEL-BETTI, I.C.; GALVÃO Z. Ensino reflexivo em uma experiência no ensino superior em Educação Física. **Revista brasileira de ciências do esporte**. V22, nº3, p.105-106, 2001.

RODRIGUES, D. A educação e a diferença. In: RODRIGUES, D. (Org). **Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva**. Porto: Porto editora, 2001, p.13-34.

RODRIGUES, D. Educação inclusiva: mais qualidade à diversidade. In: FREITAS, S. N.; RODRIGUES, D.; KREBS, R. (Org) **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. p.45-64.

SANTANA, W. C. de. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Org) **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SHERRIL, C. **Adapted physical education and recreation: a multidisciplinary approach**. Dubuque: Wm C. Brown, 1986.

SHERRILL, C.; POPE, C.; ARNHOLD, R. Sport socialization of blind athletes: an exploratory study. **Journal of visual impairment & blindness**. p.740-748, May, 1986.

SOUSA, S. B. Educação Física inclusiva: um grande desafio para o século XXI. **Integração**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, ano 14 – Edição especial, p 35-38, 2002.

STEFANE, C. A et al. Esporte adaptado, paraolimpíadas e olimpíadas especiais. In. DaCOSTA, L. (Org). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p.645-649.

THOMAS, J. R; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S.; NETO, V. M. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS: Sulina, 2004.

WINNICK, J. P. (Org). **Adapted physical education and sport**. Illionois: Human Kinetics Books, 1990, p. 488.

APÊNDICES



APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **OLIMPIÁDA COLEGIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO E A
POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS**

Pesquisadora responsável: Afonsa Janaína da Silva

Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Eu, _____
portador do RG: _____, concordo em participar
voluntariamente da presente pesquisa, sabendo que:

- Para coleta dos dados, deverei responder oralmente as questões formuladas.
- O presente projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de: Compreender as relações desenvolvidas entre os organizadores e professores envolvidos na Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo e a participação de deficientes visuais nos mesmos.
- Como participante da pesquisa, tenho como garantia de acesso à metodologia do trabalho.
- Tenho total liberdade de me recusar a participar ou de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo a minha pessoa.
- Os dados por mim relatados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e serão mantidos em sigilo, assegurando minha privacidade em relação a esses.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelos telefones (19) 3521-6618 / 2121-3022 ou pelo e-mail afonsa_silva@yahoo.com.br.

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

_____, ____ de _____ de 2007.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B: Carta à Diretoria de Ensino.

Campinas 00/00/2007

À
DIRETORIA DE ENSINO DE XXX

Vimos por meio desta, solicitar à Diretoria de Ensino de XXX, permissão para a realização de coleta de dados nas escolas estaduais de sua jurisdição, para a pesquisa de Mestrado da aluna Afonsa Janaína da Silva, intitulada **JOGOS ESCOLARES E A POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS** e vinculada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas na área de concentração – *Atividade Física, Adaptação e Saúde* e na linha de pesquisa *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais*, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida e financiamento do CNPQ.

A pesquisa em questão tem como objetivo, compreender as relações desenvolvidas entre os organizadores e professores envolvidos nos jogos escolares e a participação de deficientes visuais nos mesmos. Tendo com objetivo secundário abordar as possíveis contribuições que os jogos escolares trariam ao desenvolvimento da pessoa deficiente visual.

A coleta de dados pressupõe a realização de entrevistas com professores de Educação Física da rede. Os dados coletados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e os dados pessoais dos entrevistados serão mantidos em sigilo para assegurar sua privacidade.

Os responsáveis pela pesquisa podem ser encontrados pelos telefones (19) 3521-6618 / 2121-3022 ou pelo e-mail afonsa_silva@yahoo.com.br

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

Agradecemos antecipadamente pela atenção dispensada.

Prof^a Afonsa Janaína da Silva
Pesquisadora responsável

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

Assim a Diretoria de Ensino de Americana faz-se ciente da realização da referida pesquisa.

Responsável: _____

APÊNDICE C: Carta à Diretoria da Escola.

Campinas 00/00/07

À
Escola XXX
A/C Diretoria

Vimos por meio deste, solicitar à Diretoria da escola XXX, permissão para a realização de coleta de dados em sua escola, para a pesquisa de Mestrado da aluna Afonsa Janaína da Silva, intitulada **OLIMPIADA COLEGIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO E A POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS** e vinculada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas na área de concentração – *Atividade Física, Adaptação e Saúde* e na linha de pesquisa *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais*, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida e financiada pelo CNPQ.

A pesquisa em questão tem como objetivo, compreender as relações desenvolvidas entre os organizadores e professores envolvidos na *Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo* e a participação de deficientes visuais nos mesmos. Tendo com objetivo secundário abordar as possíveis contribuições que os jogos escolares trariam ao desenvolvimento da pessoa deficiente visual.

A coleta de dados pressupõe a realização de entrevista com o professor de Educação Física da escola. Os dados coletados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e os dados pessoais do entrevistado serão mantidos em sigilo para assegurar sua privacidade.

Os responsáveis pela pesquisa podem ser encontrados pelos telefones (19) 3521-6618 / 2121-3022 ou pelo e-mail afonsa_silva@yahoo.com.br

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

Agradecemos a atenção dispensada.

Prof^a Afonsa Janaína da Silva
Pesquisadora responsável

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

De acordo

Diretoria

APÊNDICE D: Roteiro de Entrevista.

BLOCO I

Trata da pedagogia do esporte/ esporte escolar.

PROPÓSITO: Quais são os objetivos almeçados por você (professor ou organizador) e pelos alunos diante da participação na Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo?

PEDAGOGIA: Qual a relação entre o conteúdo desenvolvido nas aulas regulares de Educação Física e as habilidades exigidas aos alunos durante a Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo?

Qual o objetivo das Atividades Curriculares Desportivas (A.C.D.)?

Qual o conteúdo trabalhado na A.C.D.?

Como são selecionados os alunos que participam das A.C.D.?

REPRESENTAÇÃO: Como são selecionados os alunos que participam das equipes que vão disputar a Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo?

BLOCO II

Trata da relação prática esportiva e deficiência visual.

PARTICIPAÇÃO: Como você vê a possibilidade de participação de alunos deficientes visuais na Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo?

CONTRIBUIÇÃO: Você acredita que os campeonatos esportivos desenvolvidos atualmente para a escola (Olimpíada), podem trazer contribuições ao aluno deficiente visual?

BLOCO III

Trata das ações para inclusão na rede formal de ensino.

PENSAMENTO: Como a escola e as instituições ligadas à ela, estão enxergando a participação dos alunos com deficiência visual nas práticas relacionadas a Educação Física escolar?

APÊNDICE E: Análises Inferênciais.

As entrevistas foram gravadas em mídia eletrônica e transcritas literalmente, como apresentado abaixo. Aqui apresentamos as inferências relacionadas a confecção do Capítulo/ Artigo II desta dissertação, no qual utilizou-se apenas duas perguntas do roteiro de entrevistas. As quais referem-se ao Bloco II, que tratam da relação entre a prática esportiva e deficiência visual. As temáticas foram enunciadas a partir do discurso dos sujeitos em cruzamento com as bases teóricas utilizadas para composição deste estudo. Destacamos aqui os temas de maior relevância para o estudo e também os de maior frequência, porém nem todos os discursos contemplaram todas as temáticas.

Capítulo/ Artigo II - Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física.

Os referenciais para análises são expostos na tabela abaixo.

Professores	Organizadores
Interação entre alunos com e sem deficiência visual nas aulas de E.F.;	Acolhimento dos alunos com deficiência visual em seus programas;
Contribuição do esporte à pessoa com deficiência visual.	Contribuição do esporte à pessoa com deficiência visual.

Temáticas Enunciadas
CAPACITAÇÃO (1), OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA (2), ADAPTAÇÃO DO MEIO (3).

PARTICIPAÇÃO: Como você vê a possibilidade de participação de alunos deficientes visuais na Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo?

PROF. I (Sujeito I)

PARTICIPAÇÃO

Olha eu vejo assim Janaína,/ o professor a nível de Estado a gente não tem um preparo ta,(1) adequado para trabalhar por exemplo com o deficiente visual ou um cadeirante ta,/ mas a gente né, uma pessoa,/ um professor,/ um mestre que nos dê essa possibilidade de um treinamento/ que eu acho que a inclusão dessas pessoas, desses alunos dentro da escola do estado é muito importante (2) e que no caso aqui nós temos só um aluno que tem problema de deficiência,/ mas é uma deficiência natural né que aconteceu com ele/ e ele joga por exemplo tênis de mesa, dama, xadrez e as vezes até voleibol ta, mas claro que a gente não tem assim um preparo,(1) eu já li muitas coisas sobre deficiente visual, sobre cadeirante,/ né e que dá para a gente trabalhar,/ mas eu vou dizer assim que noventa por cento dos professores da rede pública hoje não estão preparados para trabalhar com o deficiente, (1) eu acho que ele precisava ter um preparo melhor a nível ta, (1) para que a gente pudesse realmente ter a inclusão desses alunos, (2) ok?

Análise dos Temas Enunciados

CAPACITAÇÃO: nós professores não temos preparo. A participação dos deficientes esta diretamente relacionada a capacitação dos profissionais envolvidos no evento.
--

PROF. II (Sujeito II)

PARTICIPAÇÃO

Olha/ se não tiver alguma coisa específica pra eles, (3) alguma modalidade específica pra eles,(3) igual as que você já falou o Xadrez, o Atletismo e o Futebol, dão pra fazer, algumas modalidades dá pra fazer agora não sei todas,(2) tem algumas que, acho que a grande maioria não impede nada (2) aí desde que tenham alguma coisa alí para ajudar (3) então eu acho que da para fazer,/ eles não fazem talvez por causa do interesse,/ mas que da para fazer e com qualidade dá para fazer, (2), agora tem ter o treinamento primeiro, acho que antes de ter a Olimpíada tem que voltar né,/ você juntar e agrupar essas pessoas com deficiência,/ fazer um trabalho/ (...) para poder aí sim ta podendo fazer,/ pra poder dar tudo né.

Análise dos Temas Enunciados

ADAPTAÇÃO DO MEIO: A participação esta relacionada a adaptação as necessidades do alunos deficientes. A inclusão só é possível se as atividades forem adaptadas para as pessoas com deficiência.

PROF. III (Sujeito III)

PARTICIPAÇÃO

Junto dos alunos normais? *Não a possibilidade de participação eu entendo participação como junto ou ao mesmo tempo, uma participação deles.* Se forem em grupos de deficientes separados dos normais eu acho que daria para participar, agora junto... aí é difícil. *Por que você acha que seria meio difícil?* Ah porque (...) Bom,/ apesar que eu trabalho na Prefeitura também,/ em duas escolas/ e lá a gente tem um campeonato e tem alunos deficientes físicos participando/ deu certo,/ agora visuais,/ eu já tive alunos com problemas visuais foi difícil na aula de Educação Física/ eu ter que adaptar as coisas para ela fazer,(3) uma bola com guiso, essas coisas que você tem que ver na escola,/ muitas coisas ali/ nossa teve que, nossa (...) caminhar mesmo, ela não sabia, direito/ porque,/ o correr dela tinha que ir do lado dela pra ficar ajudando, mas eu acho que fica difícil né,/ muito difícil pra eles estar junto com o normal,(2) porque, não vai conseguir pegar a bola no vôlei,/ por exemplo a rapidez,/ eu tenho que treinar,/ agora se for separado deficiente com deficiente vai ser mais fácil/ porque daí todos vão tá juntos seria tanto de um lado da quadra como do outro no vôlei,(4)/ né, to pensando.

Análise dos Temas Enunciados

<p>OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: A participação em sistema de inclusão não é possível, pois os alunos com deficiência apresentam muitos déficits em relação aos ditos normais. É difícil para o aluno dv estar junto com os alunos sem deficiência. É melhor para o aluno dv se ele jogasse com seus pares, não haveria diferenças entre as habilidades.</p>
--

<p>ADAPTAÇÃO DO MEIO: é difícil adaptar as atividades ao aluno deficiente visual.</p>
--

PROF. IV (Sujeito IV)

PARTICIPAÇÃO

Olha para participar/ (...) não sei teria que ter na Olimpíada Colegial um sistema de apoio também uma adaptação pra os deficientes, (3) isso não tem né, até onde eu sei,/ nunca fiquei sabendo de nada,/ o que dá para incluir é o deficiente é o (...) auditivo,/ algum deficiente físico,/ da para você incluir. Eu tinha um menino,/ que ele tinha um bracinho só/ né /e ele é desculpa,/ ele era excepcional e ele tinha um toquinho do braço/ e ele conseguia levantar assim e jogar vôlei,/ então sabe a força de vontade dele/ e a participação por que os outros gostavam de jogar (...), mas com o deficiente visual eu não vejo a participação nos jogos porque não tem como né,/ não teria,/ por exemplo,/ pra jogar futebol teria que ter aquela bola com o sininho dentro para ele se orientar e não tem. (3). Pode ter nas escolas estaduais em cada escola vamos dizer assim 2, 2 ou 3 no máximo,/ então não teria como você montar uma turma para participação,/ teria que ter um grupo grande,/ pra montar e fazer um trabalho com eles para montar/ e poder levar e no momento do jeito que está não vejo possibilidade de participação por isso. (2) Não há demanda, para se constituir equipes.

Análise dos Temas Enunciados

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: não existe demanda de alunos com deficiência nas escolas.

ADAPTAÇÃO DO MEIO: A participação esta relacionada a adaptação do ambiente as necessidades dos alunos deficientes. Há a falta de materiais específicos para a efetiva participação do deficiente.
--

PROF. V (Sujeito V)

PARTICIPAÇÃO

Nossa,/ é meu sonho de consumo,/ não só para esporte coletivo, mas para esporte mental/, porque eu estou com um aluno de 5 anos né./ Então é meu sonho,/ inclusive é um sonho/ e uma guerra que eu estou desde o ano passado,/ porque eu tenho um deficiente mental total, físico e mental que faz xadrez comigo,/ tem dia que ele movimenta a peça,/ tem dia que ele derrubam,/ mas ta uma gracinha,/ e é cadeirante tadinho,/ tem essa menina que é deficiente visual que esta comigo desde do ano passado/ e ela está com 5 anos agora/ e eu não encontro um tabuleiro específico de xadrez para o deficiente visual.(3)

Análise dos Temas Enunciados

ADAPTAÇÃO DO MEIO: falta material.

PROF. VI (Sujeito VI)

PARTICIPAÇÃO

Olha, eu acho que precisa,/ eu acho que sei lá,/ acho que precisaria começar com reuniões com a coordenação, (1) nós professores pra tá definindo as normas de,/ né, de como faríamos,/ o que, que modalidade faríamos,/ por exemplo,/ eu conheço,/ eu já vi,/ eu não trabalho com deficientes,/ não tive deficiente visual ainda aqui,/ mas já vi pela tv,/ tive em outra escola,/ o futsal que existe a bola apropriada então,/ eu acho que teria que partir assim de um conjunto da coordenação,/ de nós professores estarmos definindo que modalidade/ poderia tá sendo incluída de ser trabalhado por esses alunos,/ eu acredito que seja por aí.

Análise dos Temas Enunciados

ADAPTAÇÃO DO MEIO: A participação seria possível, a partir da adaptação do meio, com inclusão de modalidades específicas.
--

ORG. I (Sujeito VII)

PARTICIPAÇÃO

Como eu te falei,/ Janaína./ É (...) hoje,/ a participação de deficiente visual na Olimpíada eqüitativamente é inviável./ Eqüitativamente, senão pode colocar o individuo deficiente visual dentro do regulamento,/ das exigências regulamentares,/ das regras das confederações/ e não é o que realmente essa clientela seja possível desenvolver qualquer participação eqüitativamente,/ nada impede que se faça uma comissão digna,(1) quando eu falo digna,/ eu falo de pessoas especializadas nessa clientela (1) e se faça uma proposta a nível da secretaria da educação/ através da secretaria da educação,/ para mim este é o meio,/ nada impede que se estenda a secretaria de esporte, lazer e turismo,/ porque as duas tem parceria/ e incluída na resolução conjunta, mas que tenha uma atividade paralela,(2) como eu falei agora tem os jogos escolares e tem a Olimpíada, (3) são competições paralelas,(3) né, estas competições paralelas aconteceu,/ houve motivação,/ esta aconteceu e/ nada impede que também a participação dos deficientes visuais com uma coordenação,/ com uma coordenação também paralela que é o pessoal especializado nesta clientela (1) pra que realmente a coisa aconteça vai haver a necessidade da parte técnica,/ essa parte técnica a secretaria de esporte, lazer e turismo tem pra dar suporte na parte técnica,/ como vocês são especialistas nesta clientela sobre um aspecto nos somos, por exemplo, especialistas sobre outro aspecto,/ então,/ esta interação pode haver,/ mas desta forma que eu estou achando,/ é uma opinião pessoal,/ de como eu achei, tanto que eu te falei que na resolução antiga de 93,/ na resolução conjunta havia um artigo que abria espaço para que se formasse comissões para tratar deste assunto/ e nunca ninguém se interessou disso,/ ou demonstrou interesse disso,/ quer dizer que existe a viabilidade desta abertura existe,/ realmente acontece e seria realmente fantástico que houvesse o outro lado de participação de deficientes visuais pras crianças que estariam participando da Olimpíada Colegial/ e dos jogos Escolares eu acho que seria uma grande mola propulsora também de motivação dentro da própria Olimpíada.

Análise dos Temas Enunciados

<p>CAPACITAÇÃO: A participação deve partir da adaptação e do preparo dos profissionais para trabalhar com esta clientela.</p>
--

<p>ADAPTAÇÃO DO MEIO: precisaria de uma comissão específica para organizar os jogos para alunos com deficiência. As atividades têm que ser paralelas</p>

ORG. II (Sujeito VIII)

PARTICIPAÇÃO

A participação seria muito interessante/ e muito boa para os alunos que não tem nenhuma deficiência/ e também importantes para os portadores de deficiência,/ mas pela falta de adaptação (3) e como é uma competição e que eles buscam a vitória então eles não vão relevar a deficiência desse portador (4) e ele pode até se machucar,/ seria importante a participação,/ mas como são as de pessoas tidas normais acho que seriam prejudicados nessa parte, (2) porque eles teriam uma

deficiência enquanto os outros não teriam/ e eles iriam passar por cima dessa deficiência para buscar a vitória.

Análise dos Temas Enunciados

<p>OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: Existe o receio de que os alunos sem deficiência em busca de resultados se limitem a repudiar as limitações dos alunos com deficiência.</p>
--

<p>ADAPTAÇÃO DO MEIO: A participação é reconhecida como importante para os alunos com e sem deficiência, mas esta diretamente relacionada a adaptação do meio.</p>

ORG. III (Sujeito IX)

PARTICIPAÇÃO

É (...) como eu te falei./ Eu não tenho um conhecimento mais aprofundado das possibilidades do deficiente visual praticar esporte, (1) no meu entendimento juntos eu acho difícil,(2) paralelamente numa competição, isso acontece na Olimpíada pode acontecer,/ mas particularmente no Estado de São Paulo,/ na Olimpíada Colegial existe um fator de (...) da estrutura já ser assim super lotada,/ não sei até que ponto seria possível incluir no mesmo evento principalmente nas finais, competições paralelas de deficientes visuais./ Agora dependendo da modalidade isso pode até ser,/ dependeria de um estudo eu não tenho idéia de como acontece esse esporte, (1) eu não posso responder.

Análise dos Temas Enunciados

<p>CAPACITAÇÃO: não tenho conhecimento sobre a possibilidade de pratica da pessoa com deficiência.</p>

CONTRIBUIÇÃO: Você acredita que os campeonatos esportivos desenvolvidos atualmente para a escola (Olimpíada), podem trazer contribuições ao aluno deficiente visual?

PROF. I (Sujeito I)

CONTRIBUIÇÃO

Sim,/ primeiramente o aluno deficiente é uma pessoa comum ta/ ele é uma pessoa normal (2) claro que tem seus problemas limitados,/ mas ele pode tranqüilamente participar do campeonato colegial ta,/ tanto é que eu vou dar um exemplo pra você/ eu conheci um rapaz,/ um aluno do Ensino Médio da escola Emílio Gomes/ que jogava xadrez/ inclusive eu acho que ele chegou até as finais do campeonato colegial em Barretos,/ 2003 ta, então isso,/ isso quer dizer que você consegue realmente fazer dos alunos com deficiência a ser um aluno normal,(2) uma criança, um adolescente normal dentro dos colegas ta,(2) é a questão relacionada que eu disse na primeira pergunta,/ é a questão simplesmente do preparo realmente do professor,(1) para o professor poder ajudar esse aluno,/ essa criança, esse adolescente dentro do contexto do campeonato colegial ta,/ eu acho até que é uma boa a participação dele, ok? Você acha que é uma boa por quê?/Porque veja bem,/ porque esses alunos nunca devem ser deixados do lado,/ porque eles se sentem sempre reprimidos como é que se fala,/ reprimidos, ajuda aí...Excluídos./Excluídos ta/, é (...) como que eu poderia dizer,/ como é que eu posso falar,/ é (...), excluídos realmente,/ então eles acham que eles nunca podem ter um papel na sociedade como um todo, (2) entendeu,/ então eles sempre são assim passado a mão na cabeça,/ não coitadinho ta,/ acho que não é por aí,/ acho que a criança com deficiência visual ou cadeirante, acho que ele tem que ser tratado normal, como qualquer outra pessoa normal,/ ok?

Análise dos Temas Enunciados

CAPACITAÇÃO: o professor necessita de uma capacitação especial para agir para inclusão.
--

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: Apesar de suas limitações o aluno deficiente pode participar de campeonatos. O aluno com deficiência é um aluno normal. Os alunos com deficiência sentem-se excluídos da sociedade que vivem.

PROF. II (Sujeito II)

CONTRIBUIÇÃO

Olha sinceramente contribuição traz,/ porque a pessoa as vezes eu acho/ assim eu nunca fui deficiente/ eu tento me colocar no lugar deles/ então eu acho que ele já se sente excluído ali,(2) por causa de não ter uma perna,/ tem alunos, por causa mais de problemas locomotor, visual eu nunca tive/ até faz pouco tempo que eu estou dando aulas/ e qualquer coisa que você passa pra eles se esforçam ao máximo pra tentar fazer o melhor que eles podem/ então qualquer coisa que a gente faz pra eles, voltado pra eles que eles podem crescer como pessoa, como cidadão/ eles vão fazer até mais do que aquelas pessoas ditas entre aspas, normais.(2) Então acho muito importante estar fazendo um trabalho diferenciado pra eles (3) porque eles são pessoas diferenciadas (2)/ e eu acho que eles merecem tanto quanto os outros/ e não tem, ai a escola hoje obriga a receber esses alunos,/ mas não tem um tratamento diferenciado, (3) o professor não consegue fazer o tratamento diferenciado pra ele/ tanto pela capacidade do professor mesmo por ele não ter disciplinas específicas para isso (1) e pela quantidade de alunos que tem dentro da sala

de aula/ não tem como você fazer um trabalho só pra aquele,/ só pra dois ou três alunos /aí você excluí o resto da sala/ e a gente tem que trabalhar sempre com a maioria (2) com mais/ e você tenta levar sempre a maioria da sala/ e você deixa uns pra trás/ até mesmo os bons demais ficam um pouco pra trás/ porque você não consegue avançar com eles,/ então você tem que segurar um pouco para quem está lá trás,/ então tudo o que a gente faz tem,/ a gente tem que tentar fazer o melhor (1) para estar trazendo essas pessoas/ mas a forma como está sendo jogado hoje eles aqui na escola,/ a escola incluiu eles jogou pra dentro,/ só, só ocupou a vaga,/ mas o trabalho com eles o professor mesmo que esta dando isso é normal e não é./ É diferente, nem que for um pouco diferente não é tão diferente,/ mas é diferente tem que ter um trabalho específico pra eles.

Análise dos Temas Enunciados

CAPACITAÇÃO: Não existe um trabalho diferenciado por falta de capacitação (formação) dos professores.

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: os alunos com deficiência sentem-se excluídos da sociedade em que vivem. O professor deve trabalhar com a maioria, não tendo como atender os alunos que se diferenciam a maioria.

ADAPTAÇÃO DO MEIO: as escolas não possuem um trabalho específico para atender os alunos com deficiência.

PROF. III (Sujeito III)

CONTRIBUIÇÃO

Bem, como pra ele vem pra uma pessoa normal (2) e ele querer participar futuramente, mas assim, se fosse separado como eu falei.

Análise dos Temas Enunciados

ADAPTAÇÃO DO MEIO: Há contribuição se for separado, não incluso.

PROF. IV (Sujeito IV)

CONTRIBUIÇÃO

Aí,/ bom já respondi na primeira que não,/ eu acho que, como eu volto a falar se tivesse uma adaptação sim/ daí ele ia se sentir útil com a participação,(2) como parte do sistema e não excluído que normalmente essas crianças são excluídas né, (2) não pode participar disso, não pode participar daquilo/ então é uma forma de incluir essas crianças,/ se pudesse eu gostaria muito,/ mas como eu já falei na primeira pergunta, não porque não tem as adaptações necessárias. (3).

Análise dos Temas Enunciados

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: o aluno com deficiência se sentiria útil com a participação. Normalmente os alunos com deficiência são excluídos do sistema.
--

ADAPTAÇÃO DO MEIO: Não existem as adaptações necessárias para participação dos alunos com deficiência.

PROF. V (Sujeito V)

CONTRIBUIÇÃO

Quer sinceramente?/ Sinceridade?/ Eu acho que eles não tem interesse nisso,/ isso é coisa pessoal minha/ eu acho que não,/ porque o pessoal que organiza lá,/ eles tem uma visão no meu ponto de vista/ que é buscar campeão,/ campeão e campeão/ e ponto e atrás desse campeão,/ campeão existe verbas pra eles fazer esse tipo de trabalho,/ eu acredito que eles teriam que fazer,/ que iniciar com um/ (...) outro campeonato paralelo não sei como ele faz. *Mas e a competição em si, o esporte, você acha que poderia trazer alguma contribuição ao deficiente visual?* Ah eu/ claro que teria gente,/ nossa só tenho a afirmar não tem o porque não,/ já pensou que maravilha?/É aqui a gente faz jogos adaptados,/ numa aula normal você venda os olhos de todo mundo,/ então como a gente não tem bola com guiso aqui/ a gente embrulha a bola num saco plástico/ eles vão jogar ouvindo o som/ é mais difícil,/ mas consegue mostrar qual que era o seu objetivo,/ se você coloca voleibol para cadeirante/ como não tem cadeira pra todo mundo/ você coloca eles sentadinhos no chão,/ não pode tirar o bum bum do chão,/ entendeu?/ Bem interessante.

Análise dos Temas Enunciados

CAPACITAÇÃO: Não há interesse dos dirigentes, pois eles querem um campeão.

PROF. VI (Sujeito VI)

CONTRIBUIÇÃO

Eu acredito que sim,/ porque é assim,/ como é interessante, saudável pro aluno que é dito normal, que não tem uma deficiência, uma necessidade especial, eu acredito que é muito importante também o deficiente visual ta participando de um esporte,(2) praticando um esporte e participando de um campeonato,/ porque acho que o campeonato seria é (...) sei lá,/ o trabalho culmina como o (...) né, o campeonato,/ digamos assim,/ e eu acredito que ele deve guiá-lo/ porque ele participa de um né,/ de um esporte,/ treina eu acredito que ele também deseja participar de um torneio,/ de um campeonato né,/ então, eu acredito que deve ser sim positivo para ele participar. *Através disso ele tem contribuições por entrar em contato com os outros.* Vivenciando aquilo que ele aprendeu,/ a questão do emocional é muito interessante no jogo

assim,/ no campeonato né,/ eles ficam nervosos,/ eu tenho que trabalhar com aquilo,/ lidar com a derrota,/ lidar com a vitória né,/ são vivências assim,/ que eu acredito que contribui muito pro emocional né, do aluno.

Análise dos Temas Enunciados

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: As contribuições são as mesmas para todos que praticam um esporte.
--

ORG. I (Sujeito VII)

CONTRIBUIÇÃO

Eu acho,/ onde há,/ onde existe o envolvimento do ser humano em si, né,/ desde que orientado disciplinarmente,/ desde que orientado de uma forma que eu falei que haja possibilidade de interação, sociabilização seria fantástico./ Eu dei um exemplo agora, como motivação/ eu falei até em mola propulsora de motivação pros outros/ quando isso começar a acontecer pra mostrar a capacidade, a competência dos deficientes visuais/ o que eles são capazes, né,/ se você pensar sobre o aspecto formativo é fantástico/ concerteza porque eles também vão conviver com as crianças que estão disputando a Olimpíada/ dentro de uma outra realidade em termos de regras das modalidades,/ regras das confederações que assim é exigido,/ os deficientes também vão ter regras que são próprias para eles participarem, (3) concerteza, então, eu acho que a interação é sempre um motivo de sociabilização, de integração, sempre,/ eu acho que o esporte é o grande meio depende como usam este meio,/ se ele quer,/ se o lado psicológico dele é ser campeão isso não tem significado nenhum/ dentro dos objetivos que eu te falei se ele tiver com o propósito formativo/ e que o resultado é uma consequência,/ mas que o lado comportamental é prioridade, eu vou dar um exemplo disso,/ na Olimpíada, por exemplo,/ não existe expulsão,/ você não tem expulsão na final estadual,/ raramente quando acontece é excepcional,/ não há expulsão dentro de quadra,/ existe a interação formativa, lógico./ Eu acho que pro deficiente visual seria uma grande oportunidade,/ eu não sei o número desta clientela,/ como vocês vão usar a representatividades destas crianças,/ se vai ser através de escolas,/ se as escolas que vão participar são escolas especializadas ou não,/ mas tem que haver uma especialização do profissional que vai estar no convívio (1) é toda uma diretriz que tem que se sentar,/ por isso eu te falei tem que ter uma comissão especifica para esta finalidade. Como eles seriam aceitos não, mas quais as contribuições? Bom,/ as contribuições,/ são todas elas favoráveis só deles conviverem num meio, num ambiente de dias após dias, com uma outra clientela envolvida diretamente no esporte, /numa outra realidade de esporte que não será aquela dele,/ mas ele também é parte envolvida/ e ele está sendo parte interessada,/ num importa como se as regras são diferenciadas,/ mas ele também é parte completamente envolvida.

Análise dos Temas Enunciados

CAPACITAÇÃO: Ressalta que para haver esta contribuição é preciso fazer um trabalho especializado. É necessária a formação específica de profissionais para lidar com este público.

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: Traz contribuições por fazer o aluno se sentir parte do evento e por dar-lhe oportunidade de sociabilizar com outros alunos.
--

ADAPTAÇÃO DO MEIO: os alunos deficientes terão regras adaptadas a eles

ORG. II (Sujeito VIII)

CONTRIBUIÇÃO

Eles poderiam trazer a contribuição desde que fossem adaptados (3) nos moldes que se encontram hoje sem nenhuma adaptação acho que o que traria seria mais prejuízo do que benefícios para os deficientes, né,/ porque eles precisam de alguma adaptação para eles participarem, (3) enquanto que o que acontece eles estão adaptados somente para as pessoas que podem ver alguma coisa.

Análise dos Temas Enunciados

ADAPTAÇÃO DO MEIO: O campeonato só trará contribuições se for adaptado. Os alunos necessitam de adaptações para participarem.
--

ORG. III (Sujeito IX)

CONTRIBUIÇÃO

É você diz se houver uma competição para alunos deficientes visuais,/ eu acho que a competição traz vantagens e traz benefícios para os deficientes e os não deficientes, (2)/ o fato de entrar numa competição requer disciplina,/ auto-disciplina,/ requer uma série de comportamentos/ sem contar que as pessoas que competem elas passaram por um treinamento/ elas devem ter as habilidades motoras mais desenvolvidas porque tiveram mais experiências,/ então, ao meu ver a competição é benéfica para os deficientes visuais como quanto é para os demais. (2)

Análise dos Temas Enunciados

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: Os jogos trazem contribuições a todos os alunos com ou sem deficiência, por exigir destes diferentes comportamentos e habilidades.
--

Inferências coletivas

CAPACITAÇÃO: Não existe uma preparo físico, profissional e técnico para a participação de alunos com deficiência nestes campeonatos, e só havendo estas condições os campeonatos propiciaram contribuições. Os professores não estão capacitados para este trabalho, para que aja inclusão é necessário primeiramente discutir as alterações necessárias, como também a capacitação dos profissionais envolvidos.

OLHAR SOBRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA: O professor pode auxiliar na aceitação do aluno com deficiência por seus colegas, e na superação do sentimento de exclusão que o aluno com deficiência possa ter. O professor precisa trabalhar com a maioria não podendo voltar-se as necessidades específicas dos alunos que se diferenciem da maioria. Os alunos com deficiência se sentiriam parte do sistema, tendo uma função na sociedade através da participação em campeonatos. A relevância da inclusão é admitida, por ser vista como uma forma sobrepor o sentimento de exclusão que estes alunos sentem. Porém, os sujeitos acreditam que os alunos sentiriam-se melhores com seus pares por ser difícil a estes conviver com as diferentes habilidades das pessoas sem deficiência. O fato de trabalharem juntos poderiam prejudicar os alunos sem deficiência que não atingiriam suas metas por causa dos alunos com deficiência.

ADAPTAÇÃO DO MEIO: A inclusão só será possível se as atividades forem adaptadas a pessoa com dv. É necessário planejar as ações primeiramente para depois incluir.

ANEXOS

ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 31/01/07.
(Grupo III)

PARECER PROJETO: Nº 705/2006 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0572.1.146.000-06

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “JOGOS ESCOLARES E A POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Afonsa Janaina da Silva

INSTITUIÇÃO: Instituições de Ensino Público

APRESENTAÇÃO AO CEP: 13/11/06

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 04/12/07 (O formulário encontra-se no *site* acima)

II - OBJETIVOS

Compreender as relações (sociais, interações hierárquicas) desenvolvidas entre os organizadores e professores envolvidos nos jogos escolares e a participação de deficientes visuais nos mesmos, abordar as possíveis contribuições que os jogos escolares trazem ao desenvolvimento da pessoa deficiente visual.

III - SUMÁRIO

Pesquisa qualitativa com professores de educação física escolar em escolas municipais e estaduais da região de Campinas que tenham alunos com deficiência visual e participem da organização dos jogos escolares. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Projeto de mestrado da Faculdade de Educação Física. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é simples e adequado. Projeto sem orçamento.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.



VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na II Reunião Extraordinária do CEP/FCM, em 04 de dezembro de 2006.


Prof. Dr. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

ANEXO B: Documentos do Projeto Paraolímpicos do Futuro

No CD anexo a esta dissertação encontram-se: os 10 volumes das cartilhas do Projeto Paraolímpicos do Futuro, pois 4 de seus exemplares foram analisados no presente estudo e o regulamento do II Campeonato Brasileiro Escolar Paraolímpico.